

REVISTA

EDIÇÃO Nº 117 | MARÇO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS

ISSN 2448-1068

ESPECIAL

FRANZ KAFKA

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

Distribuição Gratuita



SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.



6

FRANZ KAFKA

O escritor de língua alemã, nascido em Praga, abusava da genialidade que lhe era peculiar ao descrever situações fora dos padrões, apesar de não se afastar da plausibilidade do cotidiano [...]

Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX PE DI EN TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Especial: Franz Kafka, por Fauno Mendonça, pág. 06

Aldravia: Texto contínuo, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 09

A crônica da barata - Um tributo a Laís Corrêa de Araújo e uma homenagem pelo Dia Internacional da Mulher, por Clarissa Machado, pág. 12

Entre estrelas e engrenagens: o fascínio pela ficção científica, por Rafael Botter, pág. 21

Dicas para leitura, pág. 23

Poema: Sonho de "uma noite de mulher", por Sellma Luanny, pág. 24

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 26

O caso Sacco & Vanzetti e a Literatura, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 30

Grande jogo, por Aline Landfeldt, pág. 34

A filha de Borinquen, a ilha ferida, a fotografia - Um olhar sobre a história de Porto Rico, por Rob Alme, pág. 38

Poema: Peregrino, por Nima Spigolon, pág. 43

Poemas de Flavio Joppert, pág. 45

Entrevista com Aline Lourenço, pág. 49

Entrevista com a Dra. Aline Abreu Santana, pág. 55

Entrevista com Sonia Fernandez, pág. 60

Entrevista com Elvio Nei Figur, pág. 66

Entrevista com Gil Camargo, pág. 75

Entrevista com Nacaiame Carvalho, pág. 79

Entrevista com Raul H. Ortellado, pág. 82

Entrevista com Vinicius Ariola, pág. 86

Citações de grandes autores, pág. 90

Conto: Natureza em risco, por Mí Santiago, pág. 94

Conto: Lorota, por Idicampos, pág. 98

Conto: Seu olhar, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 103

Conto: A montanha do cão, por Ney Alencar, pág. 108

Conto: A história de Amina- Sétima parte, por Sellma Luanny, pág. 113

Conto: Cérbero, por Roberto Schima, pág. 118

Edições anteriores, pág. 127

Colecione, pág. 129

Mídia Kit, pág. 133

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 134

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a),

Nossa edição de março acaba de sair do forno e destaca Franz Kafka, com um artigo especial elaborado pelo escritor Fauno Mendonça. Conheça um pouco mais sobre o Kafka nas próximas páginas da revista.

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos para os apaixonados por livros.



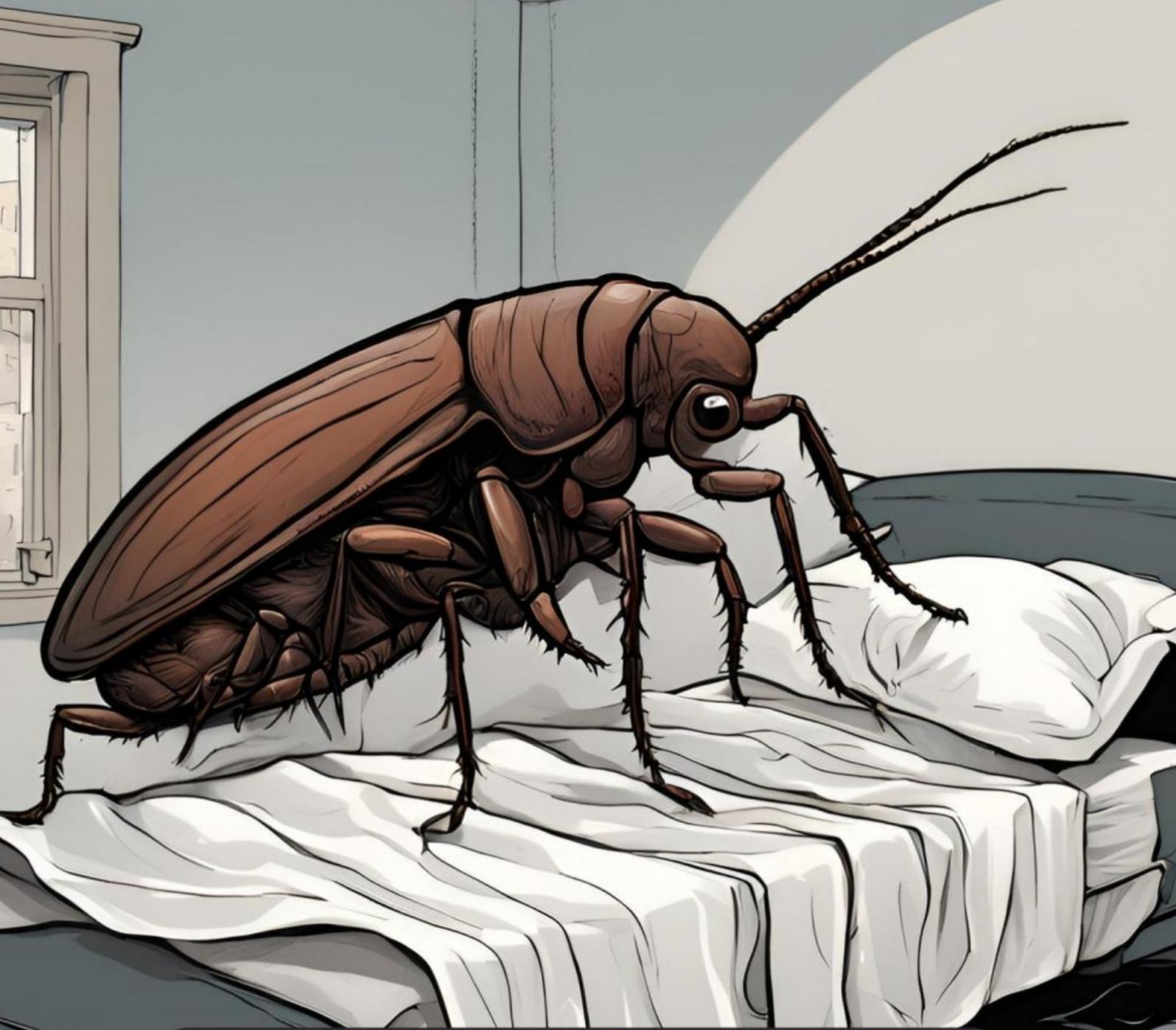
Saiba mais!

Para saber como participar da nossa edição de abril/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: [clique aqui](#).

Desejo uma ótima leitura!

Ademir Pascale
Editor-Chefe
E-mail: ademirpascale@gmail.com

Revista Conexão Literatura



“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.”

A Metamorfose, de Franz Kafka

Franz Kafka

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - MARÇO/2025

POR FAUNO MENDONÇA

"O escritor de língua alemã, nascido em Praga, abusava da genialidade [...]"

kafka fazia uso de ferramentas linguísticas esdrúxulas extraídas de relações intrincadas para dizer verdades impiedosas

Que o mundo é estranho poucos duvidam, mas nem todos entendem suas faces pontiagudas e tortuosas, porquanto a maioria das pessoas não passa de sonâmbulos inconscientes transitando de um lado ao outro sem saber que vivem no plano do bizarro. Não compreendem a realidade ao seu redor.

E já que adentramos em questões insólitas, vamos lembrar de um dos grandes escritores da literatura mundial do século XX, Franz Kafka.

Não tenho autoridade para chamá-lo de "Mestre das Estranhezas", no entanto, tenho consciência de que, por compreender as estranhezas do mundo, kafka fazia uso de ferramentas linguísticas esdrúxulas extraídas de relações intrincadas para dizer verdades impiedosas.

Ele era um observador nato ao perceber claramente as intempéries da humanidade, mas a sua leitura não se restringia a simples aspectos objetivos, aprofundava suas visões invadindo obscuridades que poucos têm coragem de encarar.



Franz Kafka

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Franz Kafka - Foto Divulgação

Em suas obras manifestava o excêntrico para demonstrar o quão louco se torna o íntimo das pessoas no dia a dia, o qual, aparentemente, parece ser normal.

O escritor de língua alemã, nascido em Praga, abusava da genialidade que lhe era peculiar ao descrever situações fora dos padrões, apesar de não se afastar da plausibilidade do cotidiano. E nesse contexto revelava o lado grotesco de nossa existência.

Para conhecer os meandros de sua obra asfixiante, porém, paradoxalmente, libertadora, eu recomendo ler "Diários de Kafka".

A partir desse livro as demais obras tornam-se mais claras, possibilitando ao leitor entender com maior profundidade a literatura Kafkaiana.

Nas páginas dos "Diários de K.", o escritor judeu discorreu sobre sua própria vida envolvida por questões íntimas, familiares, políticas e sociais, paralela a uma Europa em crise que gestava às insanidades do Nazismo.

Não sei se ele anteviu as desgraças que estavam por despontar, mas sei que ele enxergava além e escrevia de modo surreal e aflito, ao modo estranho do mundo.



SOBRE FAUNO MENDONÇA:

brasileiro, nascido em agosto de 1968, foi advogado e atualmente trabalha no Poder judiciário. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Bragof", "D. e o Procurador", "Encontre-se" e "Ao Norte do Silêncio".

Site: www.fauconomendonca.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

45.000,00

EM PRÊMIOS

CONTO - CRÔNICA - POEMA

PRATA
DA CASA



CASA BRASILEIRA
DE LIVROS

SAIBA MAIS EM:

WWW.CASABRASILEIRADELIVROS.COM

TEXTO CONTÍNUO

Por Mirian Menezes de Oliveira



Ata,

desata...

Rabisca...

entrelaça!

Apaga...

refaz...



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Revista Conexão Literatura

Virginia Woolf



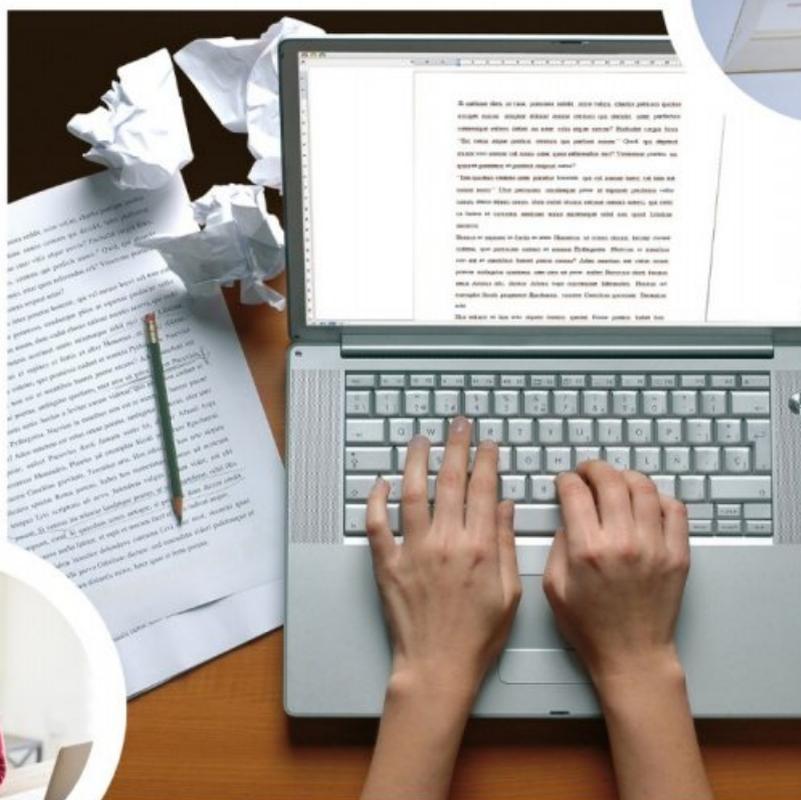
“Pensei o quanto desconfortável é ser trancado do lado de fora; e pensei o quanto é pior, talvez, ser trancado no lado de dentro.”

Virginia Woolf

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org
www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR CLARISSA MACHADO

A CRÔNICA DA BARATA

UM TRIBUTO A LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO E UMA HOMENAGEM
PELO DIA INTERNACIONAL DA MULHER



MINIBIOGRAFIA DA AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL), cadeira n. 34, patrona Laís Corrêa de Araújo, e membro efetivo do Grupo Literário Fonte das Letras.

Era uma barata - que nojo - será que algum deus poderia - por obséquio, operar uma metamorfose? Espera - que horror - na cozinha, na cama ou na careca do vovô, a barata diz que tem tantas coisas e, no final das contas, tudo não passa de uma mentira cabeluda - dizem.

Mentira tem perna curta - igual - a - uma - barata - socorro! Absurdo - *nonsense* - pesadelo - ai, meu Deus, que crise. Existencialista. Modernista. Kafkaniana. E, porque não: Laisiana. Aliás, eu diria, mais Laisiana do que Kafkaniana - definitivamente {...}

“Por que ela está aqui?”

Quem?

A barata?

Não. A Laís.

*“Por que a Laís está aqui?”**

É que Laís Corrêa de Araújo é para o Brasil o que Franz Kafka é para os eslavos. Deformidades de caráter, opressões cotidianas e fragilidades dos Direitos Humanos são alguns temas presentes nas obras de ambos e que, como vocês podem notar - temáticas atemporais - lamentavelmente. - Pânico.

E nojo. De barata. E quem disse que Laís falou de barata? Ninguém. Ou será que fui eu? - Talvez. Mas...Explico:

Quando li os textos de Laís, me lembrei.

Da barata.

É que é tão claro...

- Como ela descreve com maestria todos os percalços pelos quais a mulher passa diariamente. E o quanto, para muitos, a mulher é um tipo de inseto asqueroso, como o da Metamorfose, e que justamente, por tal motivo, é recorrentemente, tal qual uma barata, pisada, esmagada, dedetizada e calada...

*Cala-te, burguesa,
e serve a minha mesa.*

*Cala-te, madama,
e serve-me na minha cama.*

*Cala-te, obesa,
e deixa a luz acesa.*

*Cala-te, obtusa,
e chama a minha musa.*

(In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. Profissão de Esposa.)

Uma casca - dura - a da barata e a da ferida - e uma ferida... causa nojo.

*Uma ferida é
e me causa nojo
espalha um soro acre
em minha face
de vergonha
Eu me envergonho pois,
sempre há a ferida
embora não doa nada
não doa mais a cicatriz
antiga e invisível
sob o pó do tempo —
é uma ferida sempre
e exala ocre cheiro
do desgosto e desgaste.*

(In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. Marca.)

Cheiro de ferida. E o cheiro de barata. Vocês sentem?

A existência da mulher, meus caros, desde Lilith ou Eva, Gaia ou Pandora - como queiram... sempre exala um repulsivo cheiro de incômodo, vergonha e culpa. E de feridas invisíveis, incutidas por *gaslighting*, *mansplaining*, *bropriating*, *slutshaming*, *breadcrumbing* e *manterrupting*.

Só com muito *ato de contrição* para
insistir
persistir
e resistir - pois -

*Não me arrependo de meus erros:
nada mais que sofrimento e vida.
Não me arrependo de meus beijos:
deixaram um pouco de mim
em muitas bocas.*

*Não me arrependo de meus pensamentos:
eram belos como mulheres nuas.*

*Perdoai, Senhor, se alguma vez
não fui eu mesma.*

(In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. Ato de Contrição.)

Sonhei com barata.
Sorte ou -
azar?

Impureza.
Coisa ruim e
suja -

{Que tormento!}

*Todos os dias
lavo tuas meias, Senhor
e me envergonho.*

(In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. Serva.)

Era uma barata - que nojo - será que algum deus poderia - por obséquio operar uma metamorfose? Espera - que asco- essa versão {aversão} da Mitologia.

Pandora - a deusa generosa que se tornou mortal maldita. Perséfone - a deusa da primavera violada pelo pai e raptada pelo tio. Europa - a princesa neta de Poseidon

abusada pelo tio-avô. Hera - a deusa do Olimpo psicológica e fisicamente torturada por seu marido e Medeia, uma princesa vítima de etarismo.

“Deus te ilumine e te elimine” - alguém disse. - E não foi a barata. Então, quem foi? Será que foi -

Aquele Semônides Amorgos que em "Jambo das Mulheres" associou o feminino a animais - burra, cadela, porca, macaca, égua - e o tal do Tertuliano, que em "De Cultu Feminarum" além dos ataques de ódio descarados, elaborou listas sobre padrões de aparência, comportamento e até higiene feminina! E que fez pior em "*De Ornament Des Femmes, Livre I*" onde declarou: você, mulher, é a porta de entrada do diabo (...) você merece a morte".

Que nojo! De barata? Não. Nojo disso -

Dessa construção histórica que prossegue e prosseguirá enquanto silenciosamente as violências contra a mulher forem normalizadas. Os golpes, as lesões, as escoriações, os traumas, os abusos e os sofrimentos - Isso sim deveria ser o maior nojo - entojos - antojos.

Estou de nojo. Licença Nojo. CLT.

“Por que a Laís está aqui?”

Por causa da aliança. Do casamento da Dona Baratinha? Não. De outra aliança - uma da qual o preço - ninguém quer pagar -

*Quem dá mais
por um corpo valendo
15 16 17 18 19
20 anos?*

*Quem dá mais
por uma carne intacta
com todos os seus pertences?*

*Nesse pregão
ninguém paga o preço
de uma aliança.*

(In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. Footing.)

Ninguém paga o preço da aliança, é o que nos diz Laís. E, uma vez mais, ela nos leva à reflexão, uma de suas características. Que talento ela tinha para falar por entrelinhas e, especialmente, por escolhas vocabulares. Acredito que Laís falava tanto sobre vocábulos, palavras e letras porque queria transmitir, em certa medida, a falta de conhecimento sobre a língua; afinal, ao se desconhecer o sentido e a acepção dos termos, acabamos por nos equivocar, como aqui, com o termo aliança. A aliança que não pode faltar na união matrimonial não é o objeto anel, porém, o que ele, o anel, de fato representa e que pode ser olvidado facilmente pelo consorte: amizade, lealdade, empatia, cumplicidade e respeito. O rompimento dessa aliança abre um buraco colossal na relação.

“Ela mora na Barata Ribeiro, num edifício que tem um buraco perto do chuveiro” - disse a canção brasileira que queria saber se... Kafka vem. Contudo, o que eu quero saber é se Laís vem. Alguém sabe se ela vem? Alguém viu Laís por aí? Sim, mas quem viu... não gostou e - logo perguntou -

“Por que a Laís está aqui?”

Quando a barata voa, a valentia acaba.

- tumulto - histeria - perseguição.

Mas, Laís é inocente. Ou não?

“Por que a Laís está aqui?”

Vejamos - o processo - o veredicto - a sentença - tudo -

{Entregue às baratas}

Meus Deus... Que culpa Laís tem? A culpa de aparecer - de se apresentar - de estar presente - de existir? Ou - De continuar existindo. E nunca desistindo. E sempre prosseguindo.

{Sangue de barata}

A maior parte das pessoas tem muito medo de barata e ao que consta, elas, as baratas poderiam ser a espécie mais adaptável e resistente do universo, e que cada vez mais tem se tornando imune a inseticidas...

{As baratas vão dominar o mundo}

Medo profundo.

**SILVA, W. L. . Por que a Laís está aqui? : uma edição anotada da correspondência trocada entre Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar, no ano de 1969. 2018.*



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. VI

POEMAS SOBRE O TEMPO

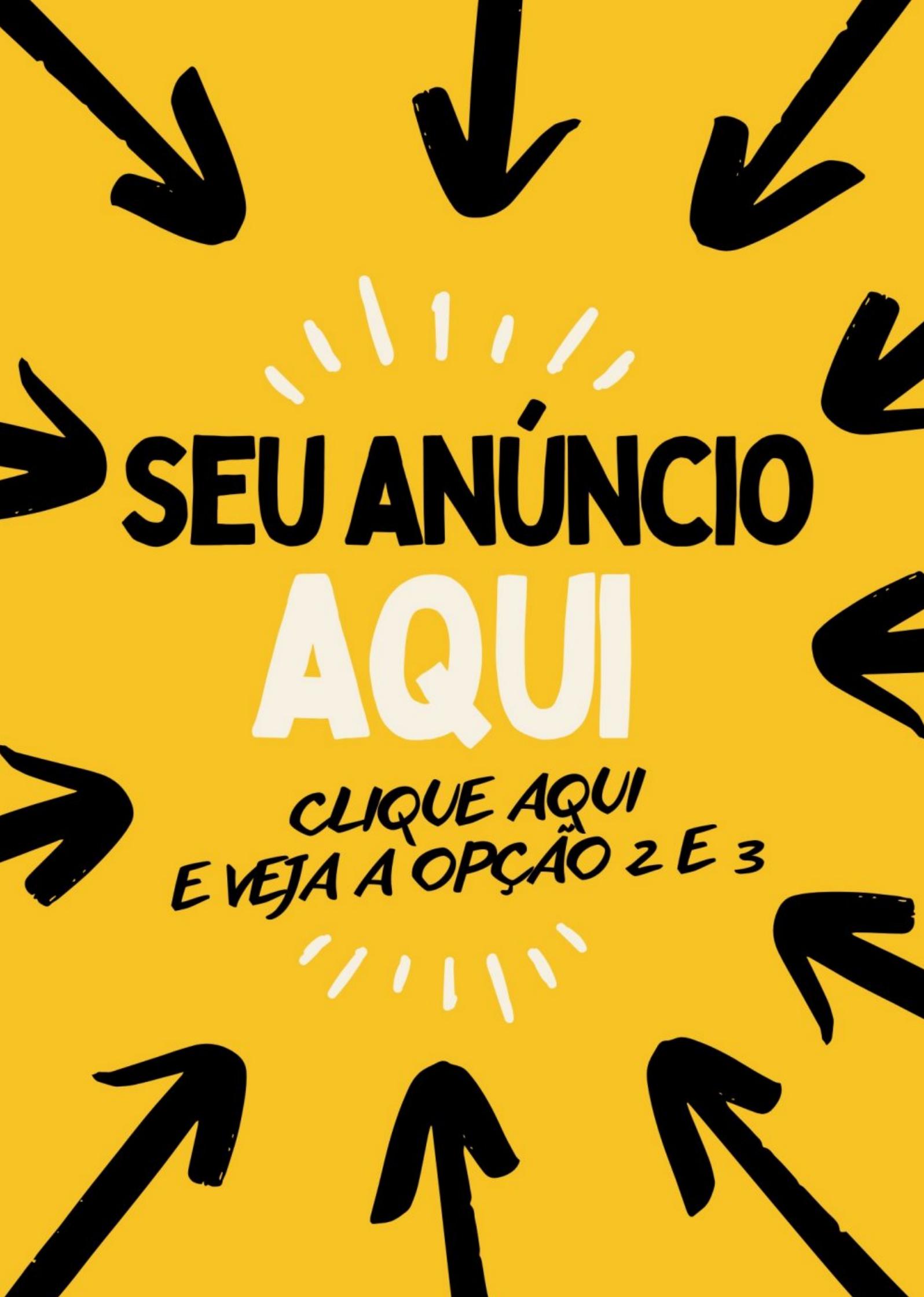
VOLUME VI

E-BOOK

Ademir Pascale
organizador

Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

POR RAFAEL BOTTER

ENTRE ESTRELAS E ENGRENAGENS: O FASCÍNIO PELA FICÇÃO CIENTÍFICA



De todas as histórias que já ouvi, a ficção científica é aquela que me faz olhar para o céu à noite com olhos de criança e coração de engenheiro. É uma mistura agri-doce de sonhos e cálculos, onde o impossível se torna plausível e as estrelas deixam de ser apenas pontos brilhantes para se tornarem destinos.

Imagine o futuro como um livro ainda não escrito, e a ficção científica como o rascunho audacioso. Foi assim que ela nos apresentou robôs capazes de sentir, naves que cruzam buracos de minhoca e sociedades que lutam contra a própria criação. De 2001: Uma Odisseia no Espaço a Duna, aprendemos que o futuro não é uma estrada reta, mas um emaranhado de possibilidades.

Mas não se engane. A ficção científica não é sobre previsões. É sobre reflexões. Quando Asimov criou as três leis da robótica, ele não estava apenas escrevendo sobre máquinas; estava nos fazendo pensar sobre ética, humanidade e os limites do controle. Quando Blade Runner perguntou se os replicantes sonham com carneiros elétricos, estava perguntando, na verdade, o que é que nos torna humanos.

Na ficção científica, até mesmo uma caneta Bic – talvez a sua – poderia ser uma peça essencial para salvar a galáxia. É esse poder de transformar o cotidiano em extraordinário que faz o gênero ser tão apaixonante. Ela nos lembra que, em algum canto do universo ou em alguma dobra do tempo, sempre haverá algo novo a descobrir.

Então, da próxima vez que você folhear um livro de ficção científica ou assistir a um filme do gênero, lembre-se: você não está apenas lendo ou assistindo. Você está embarcando em uma viagem que, apesar de fictícia, carrega mais verdades do que aparenta.

No final, talvez o maior mérito da ficção científica seja nos ensinar a ser visionários. A sonhar com universos paralelos enquanto resolvemos as equações do nosso próprio mundo.

E quem sabe, algum dia, essas estrelas que tanto observamos se tornem tão familiares quanto o pão de queijo e o café na nossa mesa.

Rafael Botter: "Nasci entre os anos 80 e 90, época que moldou minha paixão pelo universo nerd e pela boa música. Enquanto minhas ideias tomam forma, é o som do Iron Maiden que embala meu processo criativo, transformando palavras em crônicas carregadas de emoção. Sou fã incondicional de Stephen King, e sua escrita me inspira a explorar o lado mais profundo e fascinante da narrativa. Ah, e não há inspiração que uma boa pizza não consiga melhorar! Estrear na Revista Conexão Literatura é um marco no meu caminho como cronista, e espero que minhas palavras encontrem eco em você, leitor."

DICAS
PARA LEITURA

O JOGO DO AMOR - VOL. II, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

O JOGO DO AMOR

CONTOS E POEMAS
VOL. II



ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE
VOL. V

POEMAS CONTEMPORÂNEOS

SELO CONEXÃO LITERATURA

POEMAS CONTEMPORÂNEOS - VOL. V, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

SONHO DE "UMA NOITE" DE

MULHER

Por Sellma Luanny

Não se assuste!
Não se surpreenda!
Num cansado corpo
há um incansável espírito,
que sonha também.

Ela que por ventura,
para tantos outros,
limpa, costura e coze...
tem sob o seu singelo teto,
os seus que pelo pão esperam.

Aquela que se desdobra
se sacrifica e nunca tomba
- porque não pode -
também sonha - porque pode.

Ela lava e passa. Pesos e bens...
nem sempre seus, nos ombros
carrega. E segue... porque nela,
os seus confiam.

Espinhosa a sua realidade.
Árduo o seu labor.
Por banalidades... suas lágrimas
não verte. Só quando merecem
o alívio da dor.

Ela só tira do seu suor... constante.
E labora... e teima... e teima.
No seu lar, mais do que "bocas",
sonhos há dos que nela se calibram.

Nota: Poema pelo dia 8 de Março
(Dia Internacional da Mulher).

Sobre a autora: Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

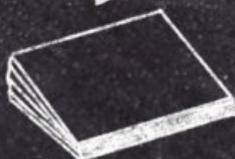
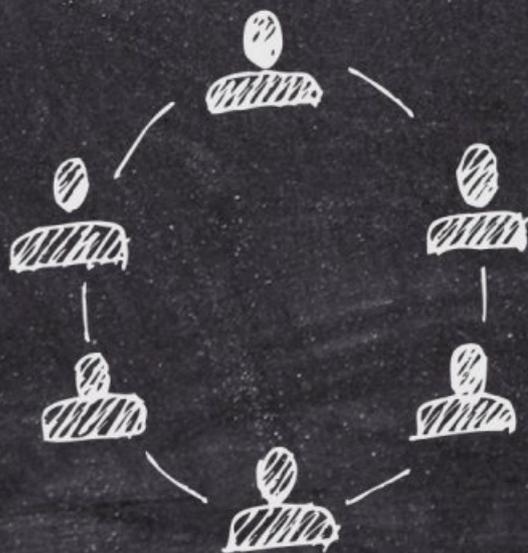


MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

SIM! VALE A PENA!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Quando você voltar!
As coisas estarão no mesmo lugar
Até mesmo seus óculos que os esqueceu de pegar
Acredite! Ainda estão lá!

Quando você voltar!
Estou certa! Não o deixarei sozinho
Nem me cansarei em abraçá-lo com enorme carinho
Sem nada questionar

Quando você voltar!
Nada de novo! Apenas o continuar da vida
Olhos encharcados ao absorver o seu “doce olhar”
Por você marcado como a sempre querida

Quando você voltar!
De mãos dadas, o famoso correr pelo Jardim
A... colher flores estampando o belo sorriso para mim
Gritando: como desta vida o gostoso se deliciar

Quando você voltar!
Verá! Cabelos brancos espalhados, como seda, sorrateiros...
Esvoaçando pelo meio da face entre “desfiladeiros”
Ávidos, como se fossem os primeiros, na vontade de ainda o esperar

Quando você voltar!
Sorriremos ao expressarmos o famoso “quem dera”
Perdidos no tempo, talvez, outra Primavera
Que nunca me canso (sorrindo) por ainda esperar

Quando você voltar!
Ah! Quando você voltar!
Serei aquela mulher com a mesma expressão: nada importa
Para o que der e vier! Como esperada estará aberta a nossa porta

Quando você voltar!

QUE BOM!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Momentos a seguir
Deslumbra-se no meu olhar o entardecer
A noite se faz calar
Instigando-me a pensar surgindo o estágio enlouquecida

Corro do passado! O desejo arvora para sempre partir
Deixando lá fora, o que reinava por dentro, antigo viver
Desse “armário”, nada comigo desejando levar
Apenas, com sinceridade, procurar nova vida

Ah! Ávido, sem cerimônia, agora, se “assanha” à minha frente
O amigo, já desbotado horizonte
Com o Luar, a despontar, bem atrás dos montes

Não resisti! Olhos umedecidos coloquei-me a chorar
Como ingenuamente pensar, te abandonar, correr a outro lugar
Se, mesmo sabendo não ser a querida, desejo ficar. Que bom! Te amo loucamente!

PASSEANDO PELO JARDIM

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Sorria muito minha querida
Mostre sua euforia a todos os presentes
Quanta delícia estarmos vivendo assim
De mãos dadas... bem coladas...
No tão belo caminhar

Uma vida
Superando tropeços, tornando-os por demais sorridentes
Controlando os momentos vividos... tudo enfim
Raros sonhos, doces palavras e, ao redor, somente pessoas amadas
Enriquecendo o “dom” por saber a você amar

Ao socorro do clima, a brisa “amanhece” logo no entardecer
Surge suave, serena, sem barulho pelo belo esvoaçar
Das eventuais indagações de como melhor viver
Flores entregam suas pétalas deixando-as pelo ar borbulhar
Ah! Me vejo em “transe”! Assim, sobrevoou pelo Jardim sem voar saber

O olhar torna-se fixado no balançar de cada uma
Envolvido na apreciação não consigo pegar nenhuma
Por adorar, assim vou me divertindo
A intenção -debochando- com alegria somente sorrindo
Mas não me incomoda e pela vida continuo seguindo

Finalmente, de súbito, o tempo presente
Na exposição, o fiel declamador não mente
Com seu jeitinho se mostra como o “Jardineiro” no cuidar
Pouco se lembra do tempo passar
Ao avesso dos “desfiladeiros” que na face se fazem notar

Ah! Nada me importa agora
Acordo! Ponho-me a retornar do Jardim tão belo lá fora
Em sucesso pelo amor, quantas “pétalas” fui juntando
Da minha nudez, com maior carinho, a todas perfumando
A formar e aceitar esta BELA FLOR que é você agora

Poema dedicado à MARIA JOSÉ SENRA DE GOUVEA (Caxuxa), minha esposa.

SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO

EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

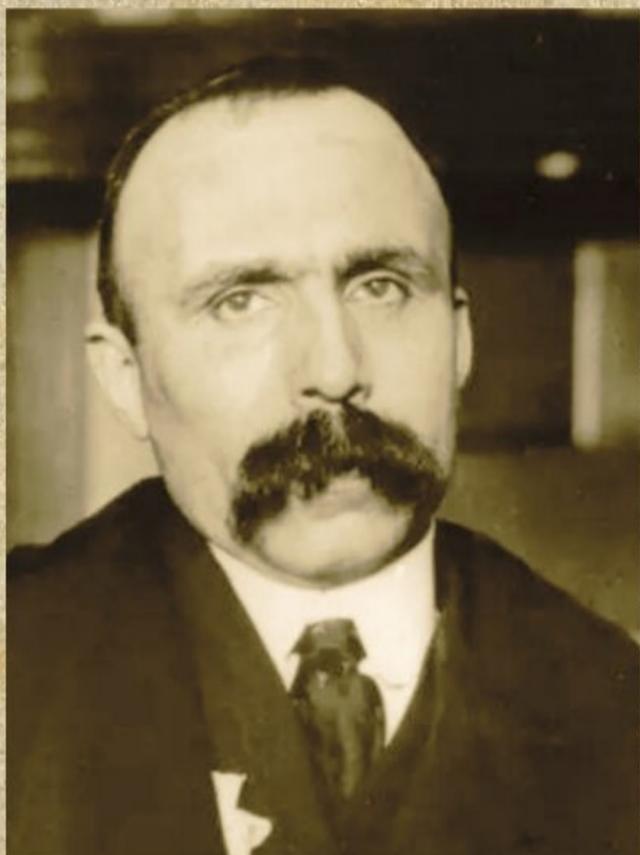
Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O CASO SACCO, & VANZETTI E A LITERATURA



Sacco e Vanzetti

★ POR GILMAR DUARTE ROCHA ★

Boston, Massachussets, 1920

★ ★ ★ Nunca um caso de polícia mexeu tanto com a sociedade
estadunidense quanto o episódio de latrocínio que ★ ★ ★
envolveu o nome dos imigrantes italianos Nicola Sacco
(1891) e Bartolomeo Vanzetti (1888).

Nunca um caso de polícia mexeu tanto com a sociedade estadunidense quanto o episódio de latrocínio que envolveu o nome dos imigrantes italianos Nicola Sacco (1891) e Bartolomeo Vanzetti (1888).

Na realidade, existem crimes e “crimes”. O roubo de um malote de pagamentos de uma indústria de sapatos, seguido da morte de dois funcionários, ocorrido em abril de 1920, nas proximidades da cidade de Boston, Massachussets, Estados Unidos, pode se enquadrar perfeitamente na segunda categoria, onde houve um crime hediondo de fato, mas o processo de investigação, indiciamento, denúncia, incriminação, julgamento e sentença dos culpados ocorreu de forma errônea, atabalhoada e que no apagar das luzes se configurou num dos maiores erros judiciais de todos os tempos.

O limiar dessa novela da vida real, que literariamente falando rendeu dezenas de livros de diversos autores, ocorre quando a polícia do estado de Massachussets descobre rastros de envolvimento de dois imigrantes italianos: Sacco, um artesão sapateiro, e Vanzetti, um vendedor ambulante de peixes, ambos sem passagem alguma pela polícia. Além do mais, registra-se que Sacco tinha forte álibi, pois na hora do duplo latrocínio ele estava em companhia de um funcionário do consulado da Itália, tratando justamente do seu visto de permanência nos Estados Unidos.

Os acusados foram presos no dia 05 de maio de 1920 por porte ilegal de arma e quatro meses depois indiciados por roubo seguido de duplo assassinato.

Passaram-se seis longos anos da prisão até o dia do julgamento. Os advogados de defesa, com o apoio incondicional de grupos de intelectuais e entidades de apoio aos direitos humanos, impetraram vários pedidos de soltura da dupla de acusados, mas nenhuma das reivindicações obtiveram êxito. A magistratura manteve-se inflexível e o julgamento foi marcado por contradições, divergências e xenofobia explícita. Sem contar o excesso de testemunhas, depoimentos dúbios, dificuldade de comunicação — conta-se que Vanzetti tinha pouco domínio da língua inglesa e entrava constantemente em atrito com o magistrado e os advogados de acusação —, enfim, quanto mais perdurava as sessões, mais o clima ficava tenso — dentro e fora do tribunal. No dia do veredicto, a sentença proferida ultrapassou todas as expectativas: os réus foram sentenciados à morte com execução através de cadeira elétrica.

Nicolas Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram executados no dia 23 de agosto de 1927, em Charlestown, Carolina do Sul.

A realidade era que na década de 20, os aclamados anos do jazz, os Estados Unidos viviam uma guerra interna marcada pelo desemprego, miséria e criminalidade, o que acabou gerando um confronto entre grupos comunistas e anarquistas e camadas da classe alta norte-americana. Para se ter uma ideia do quadro em que o país vivia, apenas em um dia do mês de janeiro de 1920 realizou-se batidas policiais em 33 cidades. Foram expedidos mais de 6 mil pedidos de prisão e relacionadas os nomes de mais de 3 mil

estrangeiros para deportação. Em Boston, cerca de 500 imigrantes marcharam acorrentados até a casa de correção.

Sacco e Vanzetti não eram adeptos do comunismo e se diziam apenas simpatizantes do anarquismo, uma ideologia política que se opunha a todo tipo de hierarquia e dominação, seja ela política, econômica, social ou cultural, como o Estado, o capitalismo, as instituições religiosas, o racismo e o patriarcado. Ou seja, a dupla de imigrantes italianos estava no lugar errado e na hora errada. Alguns anos após a execução de Sacco e Vanzetti, os advogados da Universidade de Harvard, Edmund Morgan e Louis Joughin, consumiram dias em estudo e pesquisa sobre o assunto e chegaram à conclusão de que houve erro em todo o processo.

Em 23 de agosto de 1977, cinquenta anos após a execução, o governador de Massachusetts, Michael Dukakis, reconheceu formalmente a injustiça cometida pelo tribunal e reabilitou o nome dos dois italianos.

Independente dos erros judiciais, da xenofobia e do uso político do episódio, um fenômeno importante aconteceu em relação a esse polêmico caso, que foi o envolvimento maciço de intelectuais americanos em prol da liberdade da dupla de imigrantes italianos. Literatos de peso da época como Howard Fast (*Quo Vadis*), John dos Passos (*Trilogia Nova York, Manhattan Transfer*), Katherine Anne Porter, dentre outros, dedicaram dias de suas vidas, participando de eventos e passeatas; escrevendo textos de contestação; preparando panfletos e atuando junto a autoridades como governadores de estado e até mesmo o presidente da república.

Katherine Anne Porter, autora que ficou consagrada pelo best-seller *A nau dos insensatos*, escrito em 1965, e pelo prêmio Pulitzer que ela auferiu no ano seguinte, ainda era muito jovem quando aconteceu o crime e a subsequente prisão dos acusados, mas já ouvia rumores em família sobre as arbitrariedades e os preconceitos que envolviam aquele acontecimento. A jovem amadureceu paralelamente à evolução dos fatos; a prisão e o conseqüente julgamento dos italianos. Já escritora estabelecida, engajou-se na causa, incentivada pelo amigo e mentor John dos Passos, participando ativamente de protestos, passeatas e panfletagem e chegando a ser detida pela polícia em algumas ocasiões.

Embora esses intelectuais não tivessem obtido êxito com os manifestos públicos, o episódio marcou a vida de alguns deles. Katherine Porter, em especial, nunca esqueceu a histórica injustiça: carregou a mágoa por anos a fio e, cerca de três anos antes de sua morte, lançou em 1977 o excelente ensaio *The never-ending wrong* (no Brasil, *Sacco & Vanzetti: um erro irreparável*, Editora Salamandra, 1978).

O que fica de lição em relação a esse infeliz acontecimento, é que os escritores, movidos pela sensibilidade nata; pela capacidade e privilégio intelectual de produzir peças literárias e tendo o altruísmo incrustado nas veias, estão sempre do lado certo e cumprem com maestria o dom que Deus lhes deu, de não só de alimentar a alma dos leitores com peças luminares, como também de trabalhar pela justiça e pela dignidade humanas.

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TEMPO DE AMAR

VOL. XIII



Tempo de Amar

vol. XIII

Ademir Pascale - Organizador

E-BOOK



contos e poemas



saiba mais: clique aqui



Grande **jogo**

Por Aline Landfeldt

O problema

Tudo começa com uma aposta de futebol perdida. 5 x 0 Palmeiras. Caramba, quem dá cinco gols de vantagem pra um time? Apesar de ser o timão do coração de Nico, sua ideia, que no início parecia genial, tornou-se ridícula ao passo dos 90 minutos monótonos e entediantes da partida contra o Botafogo. O placar final: 3 x 1 pro Fogão.

Nico que já andava meio maluco, perdeu de vez a cabeça. *“Po, cara. Apostei 600 pila no Porco. Perdi tudo, logo naquele joguinho bosta! Nunca mais aposto”*. Seus amigos, que não entendiam nada de futebol - muito menos de apostas -, se lamentavam pelo dinheiro perdido do amigo e diziam, entre si, *“Que cara idiota! Gastou o dinheiro do condomínio em bola furada”*.

De volta pra casa, Nico chorou no colo da namorada. Não dizia nada, porque já não tinha o que dizer. Era a oitava vez que Nico perdia o dinheiro do condomínio - seis vezes em apostas, duas em videogames antigos e vintages. A namorada, amável sempre, passava a mão na cabeça do menino, dizia que estava tudo bem. No final da noite, Nico não sentia mais o peso da perda.

A solução

Quando o som de apito soou, ele soube que tinha feito a coisa certa. Depois do incidente do mês anterior, Nico assumiu para si que finalmente havia tomado jeito. Não tinha mais problemas com apostas, agora ele era responsável e não fazia mais cagadas em nome do Verdão. Somente naquela ocasião especial - jogo do FlaFlu - ia se dar o luxo de fazer sua última aposta, pra ver se conseguia algum ganho, talvez o suficiente para pagar o condomínio, o que devia ao irmão e, quem sabe, um pouquinho pra cervejinha de domingo.

Durante a tensão do segundo tempo, Nico fumou um maço inteiro de cigarros e bebeu mais de seis latinhas de cerveja. Estava nervoso, tinha apostado quando dizia a todos que tinha largado esse *hobby*. Se perdesse mais uma vez, iam dizer que estava viciado. Por sorte, não perdeu. O ganho não cobria tudo que devia, mas já era algo a se *orgulhar*. Comemorou ao lado do pai, torcedor de qualquer esporte que tenha bola e palmeirense roxo. *“Porra, Nicão. É isso aí. Que baita jogão, hein”*.

Nico chegou em casa cheio de si, deu um beijão na namorada e tagarelou sobre o jogo, o 3 x 1, o cartão amarelo, o juiz de bosta e o gol impedido. Ela, que nem time tinha, assentia, fazendo vez ou outra um comentário monossilábico. Pouco se importava com o jogo, o que a interessava de fato, era como - mais uma vez! - pediria ao síndico um *tempinho* a mais para pagar o aluguel. *“Sabe, seu Rafael, o nosso gato, o Aipim, lembra?! Ele ficou doente esse mês, coitado! Não comia, não andava, nem brincava comigo, acredita? Achei que ia de vez. Graças a Deus não foi, mas a conta do veterinário veio, né. Uma troletada! Será que poderia me dar uns dias a mais pra pagar o condomínio? A última vez, prometo.”* Ela, coitada, tentava decorar o discurso enquanto Nico gritava do banheiro a agenda dos próximos jogos. *“Amanhã tem jogo do Grêmio, quem sabe eu consiga algo. Terça, não posso me esquecer, é dia do Verdão. E quinta, essa vai ser boa, é Flamengo com Botafogo.”*

Porra, mas que inferno de futebol.

O resultado

Nico, que perdeu o que ganhou no jogo do Grêmio, logo no dia seguinte de seus *grandes feitos*, decidiu que pelo bem de seu bolso, relacionamento e saúde, futebol não era mais pra ele. Não porque tinha perdido mais trezentos reais num joguinho meia boca, mas porque viu a namorada chorar. Cena impactante, triste, que nem vale o *remember*.

No final, depois de todas as prorrogações, Nico desistiu, vendeu seu Super Nintendo e pagou o condomínio. Fim de jogo.



Aline Landfeldt possui formação em Crime e Castigo e doutorado em formigas. Atualmente leciona Sintaxe da Língua do P na UFSG (Universidade Federal dos Sem Graduação) e pratica nado sincronizado com baleias nas horas vagas.

Autor(a), conheça o
pacote
divulgação
para
escritores

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



A stylized, flat-design illustration of a tropical beach scene. The background is a light blue sky with white speckles representing stars or snow. Two dark palm trees with yellow outlines stand on either side of the frame. In the center, a green mountain range is visible, with white waves crashing against its base. The foreground shows a sandy beach with a yellow-orange gradient, and two large, colorful hibiscus flowers (one red, one pink) are in the bottom corners. The overall style is graphic and modern.

A FILHA DE BORINQUEN, A ILHA FERIDA, A FOTOGRAFIA UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DE PORTO RICO

POR ROB ALME

“¡No des tu tierra al extraño!
 Por mais que você pague bem.
 El que seu terruño vende!
 Vende a Pátria com ele.”

(Virgilio Dávila)

Essa não é uma história de saudade. Essa é uma história de perdas... De memórias... O calor úmido e envolvente da ilha acariciava Susan Rocío como um abraço há muito esperado, um calor que ela reconhecia instintivamente como seu, mesmo após anos de ausência enquanto estudava em Nova York. De volta à sua terra natal, ela se sentia como uma semente que, impulsionada por uma força ancestral, retorna ao solo que a viu germinar, ansiando por lançar raízes e florescer novamente. O mosaico de línguas, antes estranho, agora lhe era familiar, um reflexo da fusão cultural que marcava a ilha. Os nativos, poucos em número, mas gigantes em espírito, eram seus irmãos de terra, herdeiros de uma história de resistência que pulsava em suas veias como a nascente de um rio.

Naquela manhã, Susan terminara mais uma aula, as palavras ressoando em seu coração com a força de um tambor ancestral. Suas aulas de história não seriam apenas narrativas do passado, mas sim ecos de sua própria história, de sua linhagem, de sua identidade. Ao retornar à casa de seus pais, agora um lar que ela desejava transformar em um refúgio de memórias, deparou-se com a tarefa árdua de organizar o caos. Caixas e objetos acumulados testemunharam a passagem do tempo, guardando fragmentos de um passado que Susan ansiava reconstruir. Em meio à poeira e à desordem, uma foto chamou sua atenção: a imagem de um homem forte e destemido, seu avô, um guerreiro taíno que lutara com unhas e dentes por sua terra, sua cultura, sua vida. A foto capturava um momento de alegria, um dia de colheita sob o bananal. O rosto do avô irradiava orgulho, a simbiose perfeita entre o homem e a terra. Susan sentiu um nó na garganta, a emoção transbordando em seus olhos, inundando-a com a força ancestral daquele homem.

Dorel Rocío contemplava o mar, suas águas revoltas espelhando a tempestade que rugia em seu íntimo. A ilha, Borinquen, a Terra do Senhor Todo-Poderoso e Bravo, outrora um paraíso de beleza indomável, agora gemia sob o peso da destruição. Dorel, nascido em uma pequena aldeia taína, aninhada no coração das exuberantes florestas de Borinquen, carregava em sua alma as memórias de um tempo em que a ilha pulsava harmonia com a natureza. Agora homem feito, deixava seus pensamentos o transportarem para a infância, quando o sol da manhã acariciava a folhagem densa da floresta, e o orvalho cintilava como diamantes sobre as folhas. O canto dos pássaros, melodias ancestrais que ecoavam pela mata, se entrelaçava com o murmúrio suave do

vento, criando uma sinfonia que embalava seus sonhos. Dorel, ainda menino, corria descalço pela terra úmida, seus pés afundando na relva macia, enquanto o cheiro de terra molhada, flores silvestres e frutas maduras embriagava seus sentidos, despertando-o para a essência vibrante da ilha.

Lembrava-se do rio que ziguezagueava a floresta, suas águas cristalinas refletindo o céu azul profundo. Ali, passava horas pescando com seu pai, aprendendo os segredos da mata, os nomes dos peixes, das aves e das plantas. Mergulhava nas águas frescas, sentindo a força da correnteza e a liberdade de nadar sem correntes, sem amarras, em comunhão com a natureza que o cercava. As noites eram mágicas, um manto de estrelas luminosas cobrindo a ilha. Ao redor da fogueira, reunia-se com os anciãos da tribo, seus rostos marcados pelo tempo e pela sabedoria ancestral. Eles compartilhavam as histórias de seus antepassados, dos deuses e dos espíritos da natureza, lendas que enchiam o coração de Dorel de coragem e esperança. Em sua memória, as festas da colheita ganhavam vida, com danças, cantos e comidas típicas que celebravam a fartura da terra. O aroma de mandioca assada, peixe fresco e frutas exóticas despertava seu apetite, enquanto as cores vibrantes das roupas, os adornos de penas e as pinturas corporais adornavam os corpos dos dançarinos, que se moviam em ritmo hipnotizante, conectados com a energia da ilha. E, acima de tudo, a lembrança do sorriso de sua mãe, seu rosto marcado pelo tempo, mas iluminado por um amor incondicional. Seus cabelos longos e negros, adornados com flores e penas, emolduravam sua face serena, transmitindo paz e serenidade. Seu abraço era quente e reconfortante, um porto seguro que o protegia de todos os males. Essas lembranças, como um tesouro precioso, inundavam a mente de Dorel, revelando a beleza e a riqueza de sua ilha, agora ameaçada pela ganância dos invasores. A dor da perda, a saudade do que foi e a fúria pela injustiça o impulsionaram a lutar, a defender sua terra, sua cultura e seu povo, para que as futuras gerações pudessem herdar o legado de Borinquen, a Terra do Senhor Todo-Poderoso e Bravo.

Um grito a despertou, o coração pulsando forte. Susan acordou na varanda, a foto do avô ainda em suas mãos. Seus olhos percorreram o jardim desbotado, a casa carregando o peso do tempo. As lembranças a invadiram: o avô, forte e alegre sob o bananal. A emoção transbordando. A foto era mais que um retrato, era um elo com suas raízes, um farol em meio à perda. Aquele homem, seu avô, era a coragem em pessoa, um guerreiro taíno a defender sua terra e cultura. Susan apertou a foto contra o peito, sentindo a força do legado. Aquele era seu avô, um herói a inspirá-la a lutar por seus sonhos e honrar sua memória. Voltou a revirar as caixas buscando outros fragmentos da história de sua família, mas encontrou apenas aquela imagem "*Debí tirar más fotos de cuando te tuve*, Susan pensou, a tristeza a invadiu, quando remontou a letra de uma canção. Como desejava ter mais fotos, mais memórias daquele tempo verde-esperança! A tecnologia, naquela época, era quase inexistente, as lembranças daquele tempo se perdiam em névoa. Que pena! Pensou Susan, com pesar. Seus ancestrais, para contar a história de sua gente, de sua cultura, precisariam ter registrado mais momentos como aquele retratado na fotografia. Aquele era um lamento que ecoava em seu coração. A história de seu povo,

contada apenas por um lado, era uma história incompleta. Faltavam as imagens, os rostos, os momentos que davam vida àquelas narrativas. Susan sabia que sua missão era resgatar essas memórias, dar voz àqueles que não estavam mais ali para contar sua própria história.

Naquele instante, uma decisão se firmou em seu coração: ela compraria uma câmera fotográfica. Não seria apenas um instrumento para registrar imagens, mas sim uma ferramenta para capturar a alma de seu povo, para imortalizar seus rostos, suas tradições, seus costumes, sua cultura. Com a câmera em mãos, Susan se tornaria a guardiã da memória de sua gente, a contadora de histórias através de imagens, o elo entre o passado, o presente e o futuro. Em cada clique, em cada uma de suas aulas Susan, mais forte em sua identidade. Suas fotos seriam mais do que meras imagens, seriam documentos históricos, testemunhos de um povo que se recusava a ser esquecido, que lutava para preservar sua memória, sua cultura, sua dignidade. Tendo em vista que há um tempo, as grandes corporações norte-americanas, com suas escavadeiras e suas promessas de progresso, devoraram a terra como um câncer. As corporações estadunidense exploraram os recursos naturais da ilha, como a agricultura e a mineração, em detrimento da população local, calando dialeto e silenciando bocas. A floresta, outrora exuberante, agora eram complexos de luxuosas residências, as árvores milenares caíram sob o machado dos invasores. O processo de Gentrificação era latente! Famílias inteiras, com raízes profundas na ilha, eram desalojadas de suas casas, despejadas de seus lares e de seus meios de subsistência. O aumento desenfreado dos aluguéis e o custo de vida exorbitante tornaram a permanência em suas próprias terras um fardo insuportável. A Gentrificação, com sua lógica cruel, transformou bairro, antes vibrantes e repletos de história em cenários assépticos, habitados por uma elite distante da realidade local. A alma da ilha foi se esvaindo, levando consigo a riqueza da cultura popular, a força das tradições e a memória de um povo que lutou por sua liberdade.

Susan daria aulas onde confrontaria o ontem e o hoje, a história de Porto Rico fora marcada por uma transição de poder marcado pelo binômio colonizador/colonizado. Originalmente era habitada pelos indígenas taínos, depois fora colonizada pela Espanha com a chegada de Cristóvão Colombo. Durante quatro séculos, Porto Rico permanecera sob domínio espanhol, período em que a população indígena fora dizimada por trabalhos forçados e doenças trazidas pelos europeus. No entanto, no final do século XIX, a Espanha, enfraquecida por conflitos internos e externos, ceder a ilha aos Estados Unidos em 1898, após a Guerra Hispano-Americana. Essa mudança de mãos marcou o início de uma nova era para Porto Rico, agora sob a influência americana. A aquisição de Porto Rico pelos Estados Unidos refletiu uma estratégia expansionista americana, impulsionada por interesses militares e econômicos. Com efeito, a localização estratégica da ilha no Caribe oferecera aos EUA um ponto de controle crucial para as rotas comerciais da região, bem como servir como base militar e proteção contra influências europeias na América Latina.

Susan Rocío tinha a nítida compreensão de que Porto Rico permanecia como um território americano com um status político peculiar, onde seus habitantes se dedicavam à

luta por mais direitos e autonomia. A história da ilha, profundamente marcada pela colonização e pela busca por uma identidade própria, modelava seu presente e exercia influência sobre seu futuro.

O passado de resistência ecoaria pela voz de Susan. Um passado que a ninguém mais pertencia, a não ser às memórias, agora seriam imortalizadas em fotografias. Ela, seria a tecelã de instantes, a guardiã de olhares, a contadora de histórias de luz. E o futuro, ah, o futuro... repousaria seguro nas páginas do tempo revelado, nos fragmentos de vida, nos pedaços de alma emoldurados. Susan, com sua câmera, plantaria sementes de memória, para que o passado florescesse, eternamente presente, em cada novo clique, em cada nova história. Ela iria tirar mais fotos!



(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

- POR NIMA SPIGOLON -

PEREGRINO

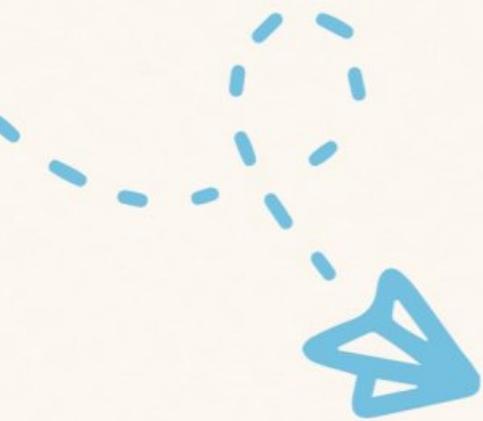
o dardo foi lançado
meu assombro indignado
de que valeu meu sonho,
o pleno dia, a estrela guia?

o dardo mergulha
na espessura escura
do espaço e do tempo
inimagináveis vastidões

nesse passo peregrino
a dor desmerecida
e um canto solidário

quero encontrar
a luz fossilizada

Nima Spigolon: Expressar a concepção de mundo e de sociedade por meio da poesia é uma maneira de criar vínculos com a existência, e manter-se viva. Tem alguns livros publicados em vários gêneros literários: infantis, poesia, acadêmicos. É professora da UNICAMP. Ganhadora do Prêmio Jabuti Acadêmico 2024 com o livro *Elza Freire e Paulo Freire: noites de exílio, dias de utopia*.
E-mail: professoranima@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



POEMAS

Por Flavio Joppert

TORNEIO DE GALA

Brasões, bandeiras, paquifes,
os cavalos e a corrida.
Deixam em tons naifs
a donzela hora comovida.

Lanças se partem ao ar.
São de madeira leve.
Por mais que lutar,
a lisonja é breve.

Outrora o cavaleiro,
com tença de aveia,
combate o forasteiro
de sua senhora cativa.

Naquele quartel sinistro
de torpe serpente,
parte-se e o é visto
a lança ante o delinquente.



OS FARROUPILHAS

Era dos índios,
passei a ser
D'Españha,
fui trocado
pelo Uruguay.

Apoiei os
Portugueses,
Proclamei a
independência,
me enchi de
alemães.

Virei república
de farrapos...

Voltei a ser império.

Defendi Júlio de
Castilhos quando
Porto Alegre
foi sede da
esquadra na
Revolta da Armada.

Depois com Getúlio,
pus fim aquilo tudo.
Proclamei o Estado
Novo. Me animei
com os nazistas,
voltei arás com
os americanos.

Na Ditadura
tudo começou
com um "Humberto",
mas tive 3
farrapos na
presidência.

Votei no Lula,
no Bolsonaro,
e no Lula de novo.

Minha melhor
produção é a
de vinho.

Que o povo tem
que consumir,
para não virar
vinagre...

Vygotsky?



POEMAS

Por Flavio Joppert

POESIA CONCRETISTA

liga,
desliga,
troca de fase.

liga,
desliga,
troca de fase,

liga,
desliga (...)

Vê se tem
alguém que
aguenta?



EXISTO EM SONHOS

a noite em sonhos
teu fantasma vem
beijar-me

desejos secretos do
inconsciente se
revelam diante do
espelho da ilusão

a realidade que não
existe

se amor existisse
não se sentia a dor

o que dói é a
falta de amor

no sonho a ilusão
dos espíritos

teu beijo existe
na inexistência
da ilusão

loucura, delírio, paixão

sonho em te amar
sofro em não te ter

o sonho me cura
da ilusão de viver



POEMAS

Por Flavio Joppert

CAÇADOR DE CONCHAS

Pelo mundo afora,
pela beira do mar,
procura conchas,
por mais procurar.

São pedras estranhas,
tiveram vida.
Hoje guardam pérolas
ao mar devolvidas.

São tesouros da praia,
lindas jóias do mar,
que ornam a Sereia
e enfeitam lemanjá.



POR MORRER DE AMOR

Zeus, onde estás
que não respondes?
Em que estrelas
tu te escondes?

Acaso Andrômeda,
ou em alguma
galáxia distante
habitada por répteis.

Como os de Órion
em seu cinturão,
repleto de lágrimas
da distante extinção.

Aqui eles viram
o fim de sua era.
Como répteis
partiram saudosos.

Foram para lá.
De onde habitam
nossas tristes fossas
dos fossilizados.

Aqui finda o canto,
aqui finda a alegria,
Quando voltar a cantar
será novo dia...



Foto: Flavio na
Niteroiense de Letras

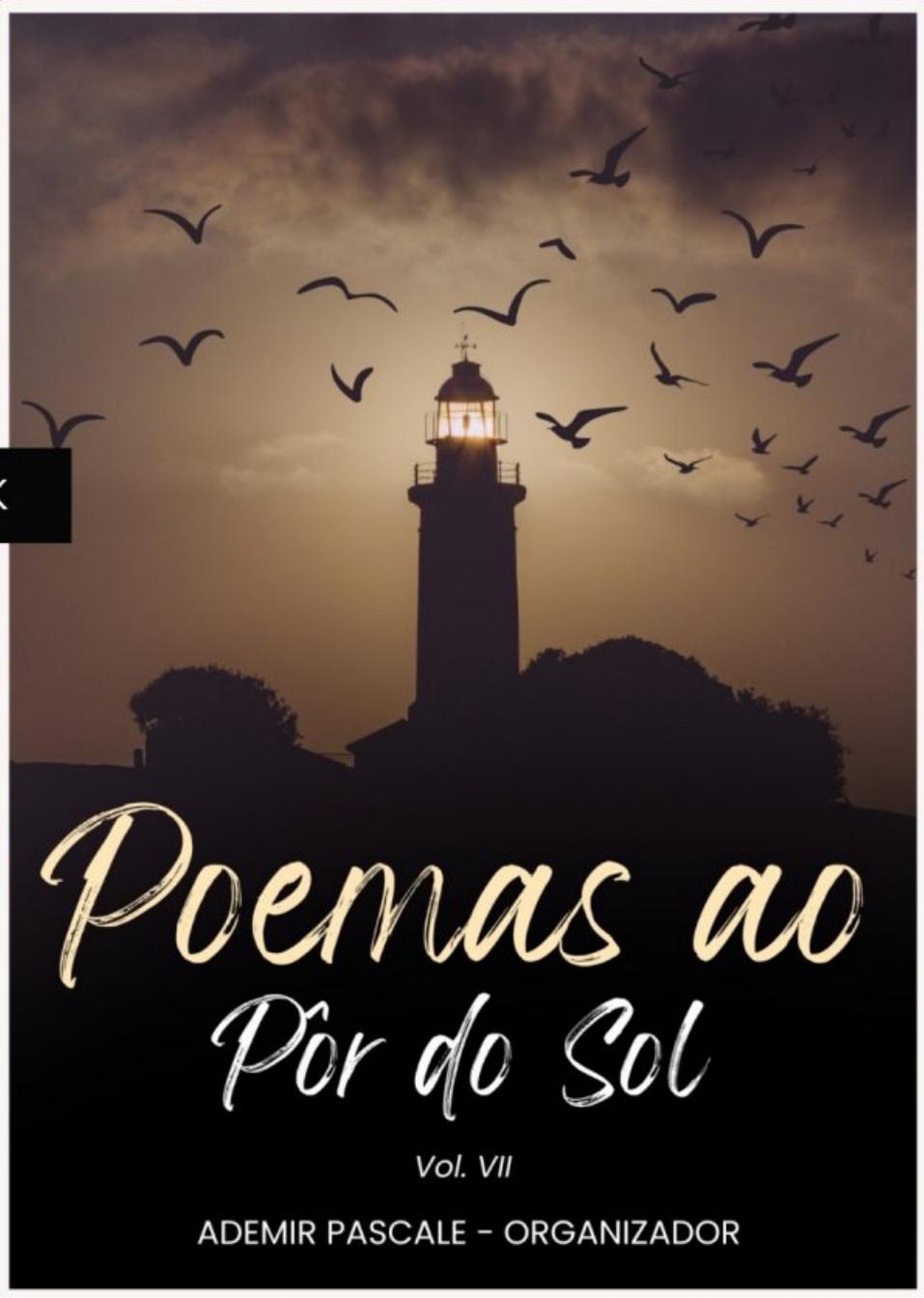
SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. VII

E-BOOK



*Poemas ao
Pôr do Sol*

Vol. VII

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Aline Lourenço

POR ADEMIR PASCALE



Aline Lourenço - Foto Divulgação

Aline Lourenço é formada em Letras, pós graduada em Revisão Textual e Relações Étnicas Raciais em Educação Antirracista, lecionar Língua Portuguesa no Município de Itaguaí. Membro do Núcleo de Artes e Letras de Portugal e ocupante da cadeira da Carolina Maria de Jesus na Academia de Ciências Artes e Letras de Saquarema.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Aline Lourenço: A literatura sempre esteve muito presente na minha vida. Sempre ganhei livros de vizinhos. Meus pais sempre ouviram MPB, samba e outros gêneros e me contavam

as histórias de quem estávamos ouvindo cantar. O samba foi o principal, porque assistíamos o desfile das escolas de samba escutando meus pais falando de cada escola, ligar de fundação, intérprete, escolha do nome, escolha das cores. Logo, já era um aulão de literatura. Depois, veio a paixão pelas crônicas dos jornais impressos. Era muito comum comprarmos jornais nos finais de semana. Eu, como uma menina que amava histórias e a escrever também, lia muitas crônicas e já sonhava um dia ter um conto meu número jornal. Continuei a escrever, mas tudo se matinha guardado em cadernos. Acabo de me lembrar que como reescrevia entrevistas lidas nos jornais para os cadernos, respondendo como se fosse a entrevistada...olha eu aqui.(Riso)



Livros de Aline Lourenço

Conexão Literatura: Você é autora dos livros "A jovem sonhadora"; "Os cabelos de Gabrieli" e "Ivan - Um conto para chorar", poderia comentar?

Aline Lourenço: A jovem sonhadora e Ivan um conto para chorar são dois livros vindos de um projeto, onde seriam publicados 4 contos escritos ao mesmo tempo, mas acabou que estes consegui terminar e outros dois, só terminei bem mais tarde. A ideia era de ter um conto com história dramática que A jovem sonhadora, pois traz a reflexão sobre o romantismo que nos é apresentado e, o que pode gerar na cabeça de uma adolescente. Ivan um conto para chorar é uma narrativa para família que tem um membro homoafetivo e o

excluí como se isso fosse a solução para a sexualidade que ele nasceu. Os cabelos de Gabrieli surgiu a partir da negação da identidade étnica e capilar de uma aluna.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Aline Lourenço: Eu digo que minha inspiração vem daqueles que são excluídos. Aquelas pessoas que, dificilmente, estão no mundo da Literatura. Tudo isso porque a Literatura é a reflexo daquilo que somos. Se é o nosso reflexo, porque só ter personagens com uma forma estética, um tipo de comportamento ou comportamento que foi moldado

por um grupo étnicos que tinha dominava todas as histórias sob o único olhar. Sem ter passado pelo que o outro grupo passou. Nas minhas histórias conto situações reais que o povo vive. Seja algo externo ou interno. Tenho costume de escrever tudo aquilo que me inquieta.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Aline Lourenço: “Menina quando nasce preta já vem num mundo feito para menina branca.

A primeira coisa que a mãe olha é o cabelo, se já nasce cabeluda. Quando não,

fica de vigia nele, até que o mesmo cresça e manifeste seus chamados “parentes”

Assim que eles crescem e dão para amarrar, vão amarrar, só que não se pode amarrar, porque o cabelo tem que balançar. Aí, vem a química (hene, pasta, permanente afro, relaxamento) em cima dele, sem que o cabelo desse licença. E o cabelo deixa de ser crespo e passar a ser liso, numa espécie de escravidão capilar, com uso das ferramentas: pente quente, chapinha, marcel, prancha. Uma tortura que deixava marcas na orelha, pescoço e coro cabeludo.

Que bom que os anos passaram, o preto passou a ser evidência na

história do Brasil, na cultura, na linguagem com “pretoguês”. Com isso, meninas pretas puderam ter seus cachos devolvidos e revelados por sua ancestralidade, graças a educação antirracista, que despertou em cada menina e mulher preta a autoestima para sair desta escravidão capilar e usar o cabelo da forma que quiser. (Prefácio do livro Os cabelos de Gabrieli)

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre a sua posse na Academia de Ciências Artes e Letras de Saquarema?

Aline Lourenço: Nossa...foi incrível! Assim que recebi o convite pela editora Literarte, fiquei sem acreditar e, acredite, achando que era cedo demais para estar numa academia ocupando uma cadeira. Achei que não era para mim. Mas, a insistência foi grande e só mantive segura quando recebi o telefone para confirmar se eu havia recebido convite em meu email. Na época, não tinha assessoria, então, recebia os convites por email pessoal. Guardei segredo por um tempo até que estava num grupo dos membros que iriam tomar posse e meu card com minha foto já circulava nas redes sociais.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu



trabalho literário?

Aline Lourenço: Os dois livros A jovem sonhadora e Ivan um conto para chorar pode ser adquirido pelo sites da editora Ases da Literatura, Amazon, Estante Virtual, Casas Bahia e Magazine Luiza. Os cabelos de Gabrieli é comigo pelo email alineplourencoescritora@gmail.com onde você encomenda e eu envio pelo correio para residência do leitor. Sou uma escritora que atua como contribuinte da narrativa negra, ancestral e antirracista. Meus personagens e histórias são baseadas na vida real do público de massa,

periférico e excluídos. Julgo a Literatura popular como aquela que representa a cultura de massa mal julgada e pouco valorizada.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Aline Lourenço: A leitura é uma atividade pouco desenvolvida por estarmos num país com grandes desafios no processo educacional para se ter um leitor ativo. Processos esses que incluem sistema de educação todo pautado numa aceleração na aprendizagem, sem qualidade nenhuma. É uma fábrica de discentes que pouco se aprofunda nos primeiros contatos com a língua despertando de forma prazerosa a leitura. Poucos conseguem continuar com hábito da leitura ainda sim na escola. Existem vários fatores que afastam o aluno para tal. A forma imposta para que o aluno procure o habito da leitura, faz dele um adulto sem vontade de levar este hobby pra sua vida.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aline Lourenço: Existem...mas mantenho segredo até porque envolve parcerias sérias e com pessoas bem conhecidas. A forma de publicação também será diferente. Um texto meu seja ele de qualquer gênero, pode vir com outra forma artística, nem

sempre será apenas texto.

Perguntas rápidas:

Um livro: Os olhos d'água de Conceição Evaristo

Um ator ou atriz: Milton Gonçalves e Glória Pires

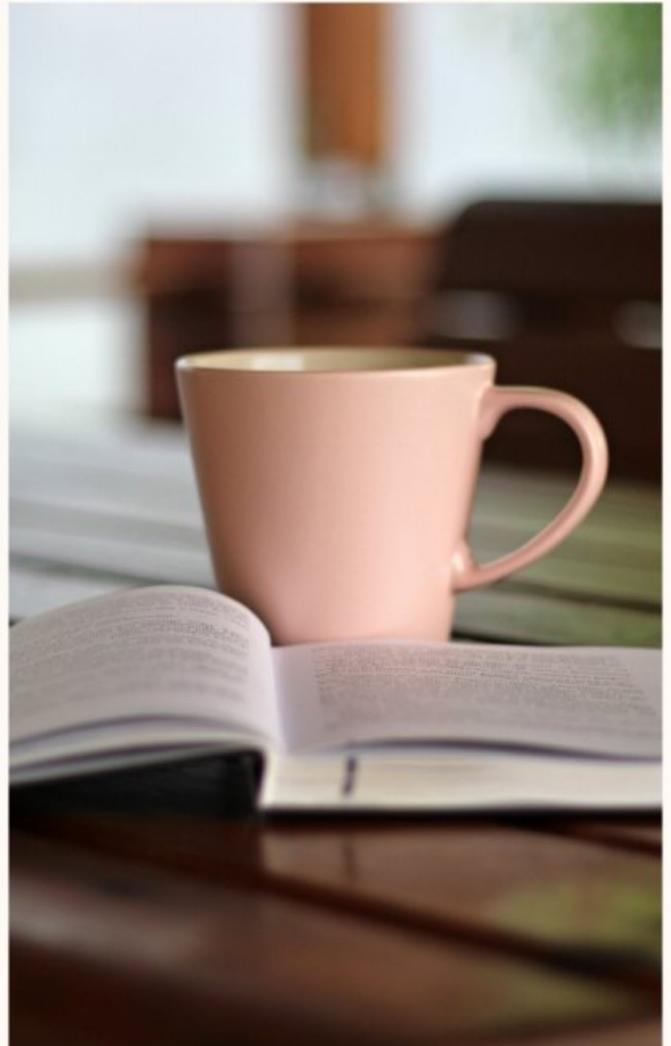
Um filme: Self-made a história de Sarah Walker a primeira mulher negra que virou milionário por mérito próprio.

Um hobby: Passear sem companhia

Um dia especial: O lançamento da antologia Rainhas Negras, pois dali por diante fui descoberta como escritora.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Aline Lourenço: Eu sou um espiral, mas posso mudar de forma e direção.



Comendadora, Doutora e Mestre em Tecnologias Emergentes, atua como pesquisadora-professora, escritora e revisora em São Paulo

POR ADEMIR PASCALE



Dra. Aline Abreu Santana - Foto Divulgação

Dr^a Aline Abreu Santana, natural de São Paulo, SP, Brasil, é pesquisadora científica na área educacional, Professora de Línguas e suas Literaturas, além de ser uma escritora de livros didáticos e paradidáticos. Colunista da Revista Internacional THE BARD (“A língua em movimento”), recebeu em 2024 o título de Comendadora do Brasil e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo e ocupa a 22ª cadeira Imortal da academia AMLH. É fundadora do projeto Quais de Mim Você Procura, que lidera no Brasil pelo maior número de mulheres escritoras. Atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais, desenvolvendo materiais para formações corporativas e projetos editoriais. Na One Life Consultoria Educacional, contribui com cursos e publicações, e na EscreverArte, é mentora de escrita acadêmica. Diretora pedagógica da KnowHow School, promove bilinguismo em escolas brasileiras. É autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos.

Conexão Literatura: Dra. Aline, o que a motivou a escrever "Fui Mandado Embora, e Agora?"

Dra. Aline Abreu Santana: Passei por um processo de demissão difícil e percebi como isso impacta emocionalmente e financeiramente a vida das pessoas. Muitas vezes, nos sentimos sozinhos e sem direção. Meu objetivo com este livro foi criar um guia prático, com passos simples para ajudar quem está enfrentando esse momento a se reorganizar e encontrar novos caminhos.

Conexão Literatura: O livro é baseado apenas na sua experiência ou há outras fontes de informação?

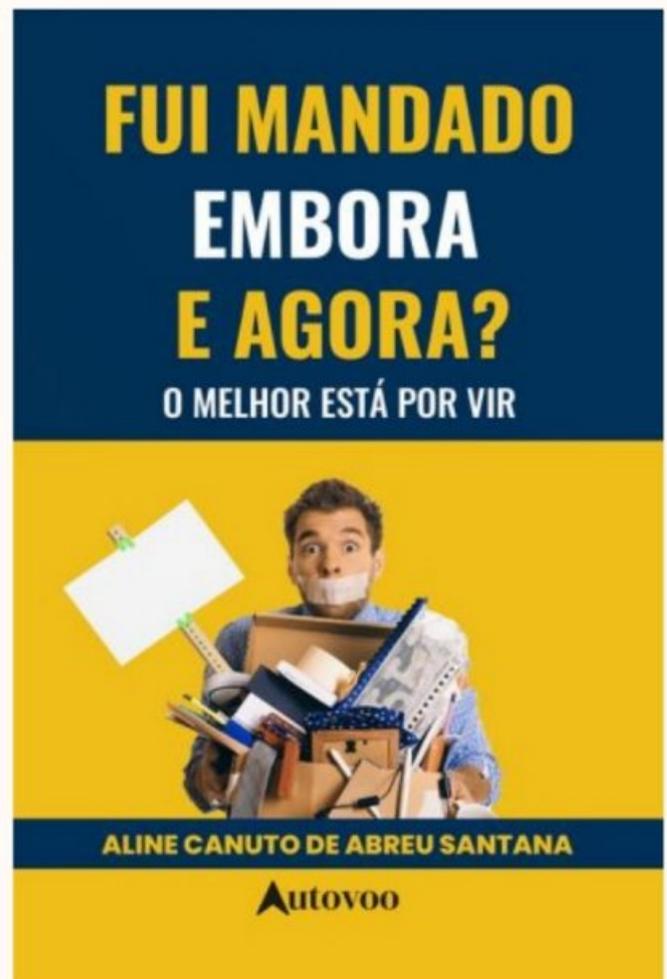
Dra. Aline Abreu Santana: O livro tem muito da minha vivência pessoal, mas também conta com pesquisas sobre mercado de trabalho, saúde emocional e reestruturação financeira. Além disso, compartilho reflexões e estratégias que já ajudaram muitas pessoas a superar a demissão e transformar esse momento em uma oportunidade.

Conexão Literatura: Qual o maior diferencial do seu livro em relação a outras obras sobre recomeço profissional?

Dra. Aline Abreu Santana: Diferente de muitos livros que falam apenas sobre recolocação profissional ou empreendedorismo, "Fui Mandado Embora, e Agora?" é um guia prático e direto. Ele aborda não apenas a busca por um novo emprego, mas também como lidar com as emoções, como contar para a família e como reorganizar as finanças.

Conexão Literatura: Como foi o processo de escrita do livro? Demorou muito tempo?

Dra. Aline Abreu Santana: Foi um processo intenso. A ideia surgiu logo após minha própria demissão, mas levei alguns meses para estruturar o



conteúdo, pesquisar e organizar as informações. Eu queria que fosse um material acessível e útil, então revisei bastante até chegar ao formato final.

Conexão Literatura: O lançamento do livro aconteceu no fim do ano de 2024, um período em que as demissões costumam ser mais frequentes. Como foi essa escolha e como está sendo a distribuição?

Dra. Aline Abreu Santana: Escolhi lançar o livro no fim do ano justamente porque é um momento delicado para muitas pessoas. As demissões aumentam nessa época,

deixando muita gente sem rumo, em meio às festas e ao início de um novo ciclo. Quis trazer esse material como um apoio prático para quem precisa se reorganizar e recomeçar com mais segurança. A distribuição está acontecendo de forma ampla, com disponibilidade para todos os países lusófonos, incluindo Brasil, Portugal, Angola, Moçambique e outros. Além disso, o livro também está disponível em países da Europa. Em breve, teremos a versão em PDF, facilitando ainda mais o acesso ao conteúdo para quem prefere a leitura digital. Meu objetivo é que o livro chegue ao maior número possível de pessoas que precisam desse suporte.

Conexão Literatura: Você acredita que o livro pode impactar a vida das pessoas?

Dra. Aline Abreu Santana: Com certeza. Meu objetivo é oferecer apoio e direção para quem está perdido após uma demissão. Muitas pessoas não sabem como recomeçar e acabam se sentindo sem saída. Quero mostrar que é possível dar a volta por cima com planejamento e atitude.

Conexão Literatura: Como tem sido a recepção do público até agora? Já há expectativas sobre as vendas?

Dra. Aline Abreu Santana: A recepção tem sido muito positiva. Muitas

pessoas já demonstraram interesse antes mesmo do lançamento, o que mostra o quanto esse tema é necessário. Espero que o livro alcance um grande número de leitores e ajude muita gente.

Conexão Literatura: Para quem este livro é indicado? Apenas para quem foi demitido recentemente?

Dra. Aline Abreu Santana: Não. O livro é útil para qualquer pessoa que queira se preparar para lidar com mudanças no trabalho. Mesmo quem está empregado pode se beneficiar das estratégias para fortalecer sua carreira. Além disso, empreendedores e profissionais autônomos também podem encontrar dicas valiosas para se reinventar.

Conexão Literatura: Além do livro, você tem outros projetos relacionados ao tema?

Dra. Aline Abreu Santana: Sim. Pretendo oferecer workshops, mentorias e conteúdos exclusivos para ajudar as pessoas a aplicarem as estratégias do livro no dia a dia. Quero continuar essa conversa e oferecer mais suporte para quem está passando por esse processo.

Conexão Literatura: Para finalizar, qual mensagem você gostaria de deixar para quem está enfrentando

uma demissão neste momento?

Dra. Aline Abreu Santana: Perder o emprego mexe com tudo – autoestima, rotina, planos. Dá medo, raiva, insegurança. Mas por mais difícil que pareça agora, esse momento não define quem você é. A demissão pode ser um obstáculo, mas também pode abrir caminhos que você ainda não enxergou. Respire, reorganize-se e olhe além do que ficou para trás. O que vem depois depende das escolhas que você fizer agora. E você tem mais possibilidades do que imagina.

SINOPSE – FUI MANDADO EMBORA

“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Link compra BRASIL: <https://encurtador.com.br/8cjdW>

Link compra EUROPA:
<https://encurtador.com.br/ac3ZZ>



Revista Conexão Literatura

O Velho e o Mar

“Cada dia é um novo dia. É melhor ter sorte. Mas eu prefiro fazer as coisas sempre bem. Então, quando a sorte chegar, estarei preparado.”

Ernest Hemingway



Entrevista exclusiva com Sonia Fernandez

POR ADEMIR PASCALE

Sonia Fernandez - Foto divulgação



Sou leitora por paixão, professora por formação e mediadora de leitura de texto literário por decisão. Graduei-me em Letras, Mestrado em Literatura Espanhola e Hispano-americana e Doutorado em Teoria Literária, na FFLCH-USP. Estudei as novelas de cavalaria (mestrado) e a lírica marioandradina (doutorado). A relação Gênese e recepção foram postos de observação do fenômeno literário privilegiados em minha trajetória como pesquisadora. Concluída minha carreira docente no Curso de Letras- Espanhol e suas literaturas na UFSM-RS, dediquei-me à mediação de leitura para públicos não escolares. Do interesse centrado no fenômeno da recepção resultou o livro *Mediadores de leitura. Espécie em ascensão*. SP: Labrador, 2023.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sonia Fernandez: Foi uma experiência inusitada, pois o livro “Mediadores de leitura. Espécie em ascensão” ficou entre os 5 finalistas do Prêmio Jabuti Acadêmico 2024.

Lançamos o livro na Livraria Mandarina que, infelizmente fechou. Particpei da FLIP 2023, da Bienal do Rio 2023, da Bienal de São Paulo 2024, algumas palestras aqui e ali, entrevista no rádio, conversas com colegas e algumas mediações com públicos variados. Estou fora do mundo acadêmico há alguns anos e a divulgação do livro está sendo difícil. Pois, minha experiência como escritora esteve voltada para as publicações acadêmicas e, do meio literário, só posso falar dos contatos em cursos e palestras, pois não deixei de estar atenta a ele, mas sem uma visibilidade contundente. Assim, podem imaginar a gratíssima surpresa de chegar a finalista do Jabuti!

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Mediadores de leitura", poderia comentar?

Sonia Fernandez: "Mediadores de leitura. Espécie em ascensão" constitui-se de oito ensaios. Não é um livro de ficção, nem de auto ficção, embora meu processo de aproximação, desenvolvimento e síntese teórico-prática do processamento do texto literário esteja explicitado na construção dos textos que são decididamente ensaísticos. O segundo e não menos importante aspecto do livro repousa no propósito de narrar e descrever as experiências selecionadas sem perder de vista a relação dialética



estabelecida com os leitores mediados e o texto e entre eles e o eu-mediador. De modo que os leitores do meu livro pudessem ter uma ideia, a mais concreta possível, dessa estratégia pedagógica para inspirar suas próprias mediações.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Sonia Fernandez: Trata-se de um livro que resultou da observação, estudos e reflexão em face da atividade de mediação de leitura inspirada na Estética da Recepção. Porém, o livro

jamais existiria, não fora a determinação em função do exercício da escrita. Coisas completamente distintas, a mediação com ênfase no processamento do texto e a prática da escrita autoral. Esta obrigou-me a buscar uma voz que traduzisse o processo dialógico da mediação, oferecendo ao leitor acompanhar os movimentos sensíveis e decisivos da mediação ao incorporar também as vozes dos leitores mediados. Essa voz também foi responsável pela comunicação nem tão acadêmica nem tão didática que caracteriza o livro. Para tanto, foi preciso lançar mão de uma boa dosagem de prática e teoria para que o leitor pudesse se sentir acolhido, ao mesmo tempo que solicitado a ser ativo frente ao processamento do texto literário. Por outro lado, as inúmeras etapas de escrita e revisões me trouxeram uma ampliação da noção do trabalho intelectual, cognitivo e afetivo, incluído o aprofundamento do conhecimento da língua portuguesa, da retórica e da persuasão. E uma dose de coragem de romper com os protocolos do texto acadêmico. Minha inspiração é modernista, confesso.

Os mestres que mais me inspiraram, no sentido de alcançar sínteses explicativas, pois dotados de um olhar conciliador e engajado ao mesmo tempo foram justamente os capazes de grandes sínteses como Antonio

Candido, José Miguel Wisnik, os capazes de leituras técnicas e profundas como David Arrigucci, os eruditos com o pé no chão como Alfredo Bosi, os que sem serem os ícones de um ou outro movimento são capazes de aportar noções que fazem diferença no seu modo de ler o texto literário como Juan José Saer e Ria Lemaire. A lista é interminável.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Sonia Fernandez: “A recepção das obras é historicamente variável; entretanto, apenas a ênfase na materialidade do texto permite que a experiência literária alcance outro patamar, possibilitando ao leitor vislumbrar paradigmas além dos seus, pois as obras inevitavelmente constroem ou projetam a partir do sistema linguístico universos novos a serem explorados.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sonia Fernandez: O livro pode ser encontrado no site da editora: loja.editoralabrador.com.br, www.martinsfontespaulista.com, www.livrarialoyola.com.br,



Drummond Livraria do Conjunto Nacional, SP-capital, www.amazon.com.br.

Para saber sobre minha produção acadêmica, podem acessar o Curriculum Lattes, buscar por Sonia Inez Gonçalves Fernandez. No Instagram: [soniafernandez406](https://www.instagram.com/soniafernandez406).

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Sonia Fernandez: Com entusiasmo, se penso nos clubes de leitura que se proliferam pelo país, de forma virtual e/ou presencial e com pena, se penso na escola. Falhamos como geração

que se dedicou a tentar melhorar a qualidade da leitura neste país. O movimento de leitura e escrita e de publicações que estamos assistindo se passa à margem das instituições de ensino. Apesar dessa constatação, é exatamente para elas que meu livro foi pensado.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sonia Fernandez: Sim. Meu projeto atual consta de dezoito ensaios inéditos que colocam em diálogo questões pontuais da atualidade com a materialidade de textos literários que li em vários momentos da vida e outros que descobri, justamente, por conta da escritura dos ensaios. Um livro ou obra que leva a outro/a, com o objetivo de gerar uma expectativa de fruição no leitor. Desta vez, sem pretensão didática. Porém, com pretensão crítica, no sentido de uma vez expostos a comparações, divagações informadas sobre textos canônicos e textos pouco conhecidos que merecem atenção do público brasileiro, meus leitores possam encantar-se com as possibilidades que a leitura proporciona para suas vidas. Transpor esse lugar acomodado de falar apenas de celebridades e de outras trivialidades, também quando diante de obras que demandaram conhecimento, criatividade, sofrimento e alegrias. A literatura pode ser uma festa para a mente.

Eu sempre aceito convites para mediar leituras, além de continuar escrevendo ensaios.

Perguntas rápidas:

Um livro:) “Cien anos de soledad”, (Gabriel García Marquez), “A Sibila” (Augustina Bessa Luis)

Um ator ou atriz: Rita Rayworth, Rodrigo Santoro

Um filme: Casablanca, A hora da estrela

Um hobby: ler, conversar

Um dia especial: O dia da premiação do Jabuti 2024 (“Mediações de Leitura espécie em ascensão” estava entre os cinco finalistas)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sonia Fernandez: Entendo a atividade de mediação de leitura como uma importante, significativa e, hoje, imprescindível (devido ao nosso precário letramento, ao analfabetismo funcional e ao projeto de ignorância como forma de dominação (sempre recorrente) ferramenta de autonomia para o cidadão. Daí a necessidade de que os mediadores de leitura se preparem para enfrentar essa ação que é multifacetada e, que por isso, é libertadora também. Ao preparar-se o mediador se constrói como indivíduo e, tendo a arte como ferramenta,

ajuda o coletivo a erigir um edifício mais sublime ou, no limite, menos grotesco, para estar no mundo e compreender seus desafios.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



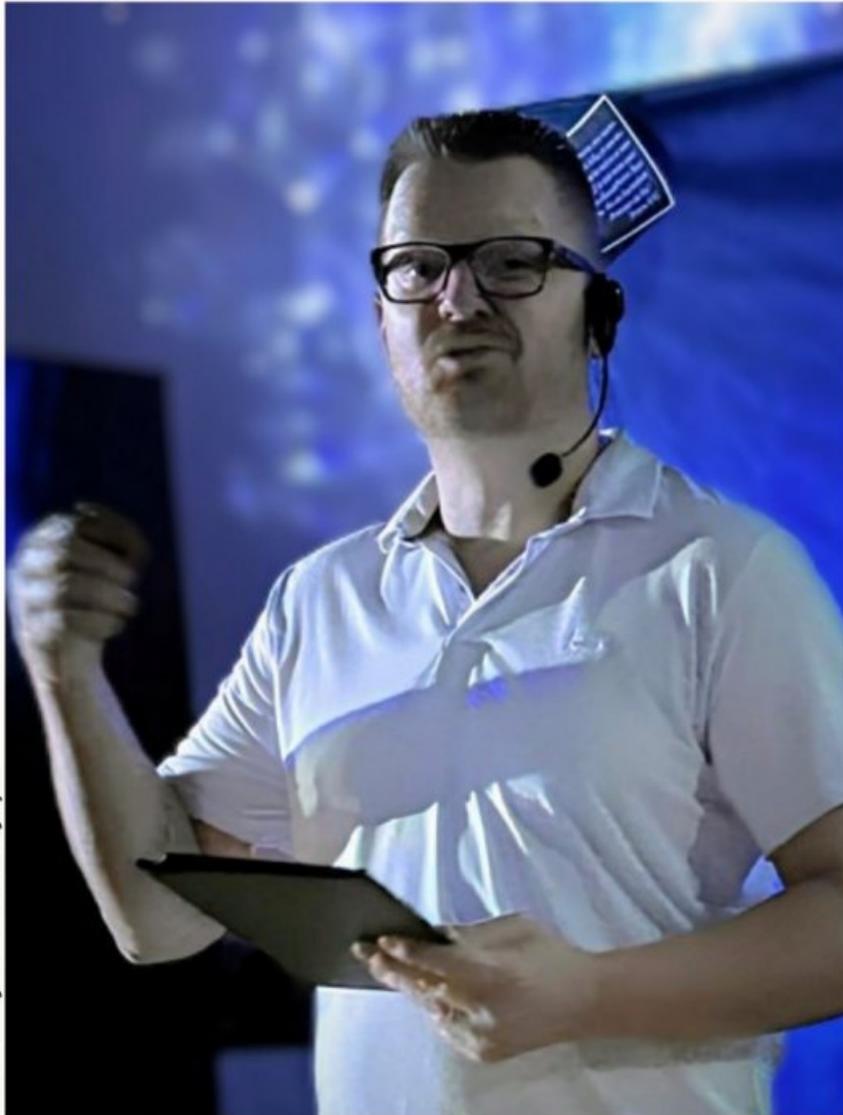
Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Elvio Nei Figur

POR ADEMIR PASCALE



Elvio Nei Figur - Foto Divulgação

Elvio Nei Figur nasceu em Marechal Cândido Rondon, Paraná, em 1983. Formou-se em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2004) e pelo Seminário Concórdia (2006). Já escreveu e publicou "E Conheceréis a Verdade" e "A Verdade os libertará!?" que são frutos, respectivamente, de dissertação de mestrado (2017) e tese e doutorado (2023) em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora-MG (UFJF). Escritor por força do ofício e por hobby, estreia na literatura não acadêmica com um texto que protesta contra o gênero literário em que está inserido. 'Na Trilha Sob o Sol' é um convite para seguirmos as pegadas do Qoheleth, autor de Eclesiastes, que é, talvez, o mais antigo livro de [anti]autoajuda.

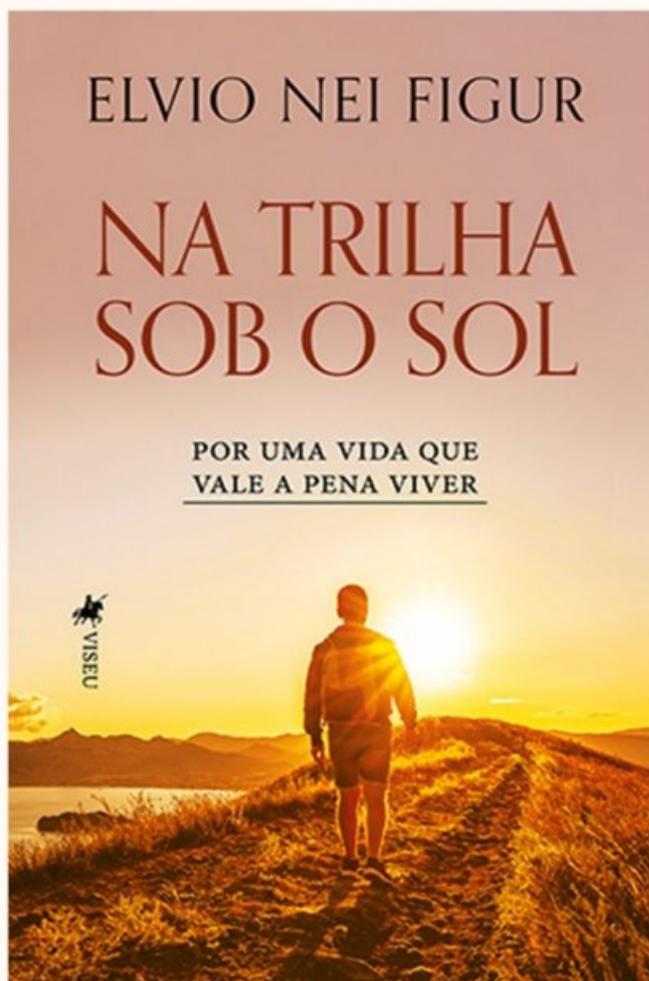
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Elvio Nei Figur: Depois que aprendi a ler, um dos meus lugares favoritos na escola era a biblioteca. Ainda nas séries iniciais lembro de ter lido vários livros do Monteiro Lobato como "Caçadas de Pedrinho", "Reinações de Narizinho" e "O Minotauro". As histórias envolventes me encantavam. Depois da quinta série li todos os livros da "Coleção Vagalume" que havia na biblioteca escolar — e não eram poucos. Isso fez brotar em mim o desejo de um dia também escrever. Já na universidade, me encantei por leituras filosóficas e que tratavam de temas relacionados à vida e à religiosidade. Os livros "E

Conhecereis a Verdade" e "A Verdade os Libertará!?" são frutos, respectivamente, de dissertação de mestrado e tese de doutorado. Dialogando sociologia, teologia e filosofia, esses textos debatem questões fundamentais como a compreensão da "verdade religiosa" [paráfrase da fé] e a comunicação dessa verdade na religião institucionalizada. O convívio e as experiências com as letras despertaram em mim o desejo de escrever algo voltado para um público mais amplo. E foi assim que nasceu "Na Trilha Sob o Sol".

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Na Trilha Sob o Sol", poderia comentar?

Elvio Nei Figur: "Na Trilha Sob o Sol: por uma vida que vale a pena viver" é um diálogo, uma caminhada descontraída com o leitor, enquanto explora alguns dos temas mais fundamentais da "vida vivida" – a vida real com seus altos e baixos, suas dores e alegrias. O livro toma o pensamento do Qoheleth – codinome de Salomão, rei de Israel entre 970 a.C. e 931 a.C. – como uma 'bússola' para esse diálogo. Um dos propósitos é atentar para o fato de que esse pensador da vida, o Qoheleth – contemporâneo de muitos filósofos da antiguidade –, já debatia temas filosóficos e existenciais que continuam muito relevantes ainda



hoje.

As "pegadas" deixadas pelo Qoheleth, e que são exploradas em "Na Trilha Sob o Sol", revelam experiências, decepções, ilusões de ótica – miragens – que lançam o leitor de corpo e alma numa reflexão profunda e existencial. Como, por exemplo, quando o Qoheleth revela as diversas vezes em que teve a mesma sensação descrita na canção 'Time' do Pink Floyd:

"[...] E você corre e corre para alcançar o Sol.

Mas ele está se pondo, dando a volta até ressurgir atrás de você.

O Sol, de certa forma, é o mesmo. Mas você está mais velho, mais ofegante e um dia mais próximo de seu fim.”
“- Tudo é ilusão” – afirma o Qoheleth. “Não há nada de novo sob o Sol”.

Assim, “Na Trilha Sob o Sol: por uma vida que vale a pena viver” investiga as reações do sábio orador às respostas e às tentativas de construção de sentido último para a vida que emanam das alternativas encontradas em seu mundo. Sempre que alguma dessas alternativas se revela ilusória, ele se sente inquieto. Este é, precisamente, o problema do Qohelet: quando busca os prazeres sem limites, ele se frustra; quando se abstém dos prazeres em detrimento de outras alternativas, se angustia; ao se debruçar sobre a sabedoria racional, sofre por saber muito; no momento em que consegue acumular riquezas e prestígio, sente-se incompleto por não encontrar satisfação com o que tem. A vida, para valer a pena mesmo, parece exigir dele o encontro de uma razão maior, um princípio ou um sentido último pelo qual possa viver e/ou morrer.

“Na Trilha Sob o Sol” é um ensaio – não é um livro de receitas prontas. É, isso sim, um convite para a reflexão filosófica e existencial, honesta e sincera, para todos aqueles que, como eu, já correram e correram para alcançar o Sol sem se darem conta de que ele estava s e pondo, dando a

volta, até ressurgir atrás de si.

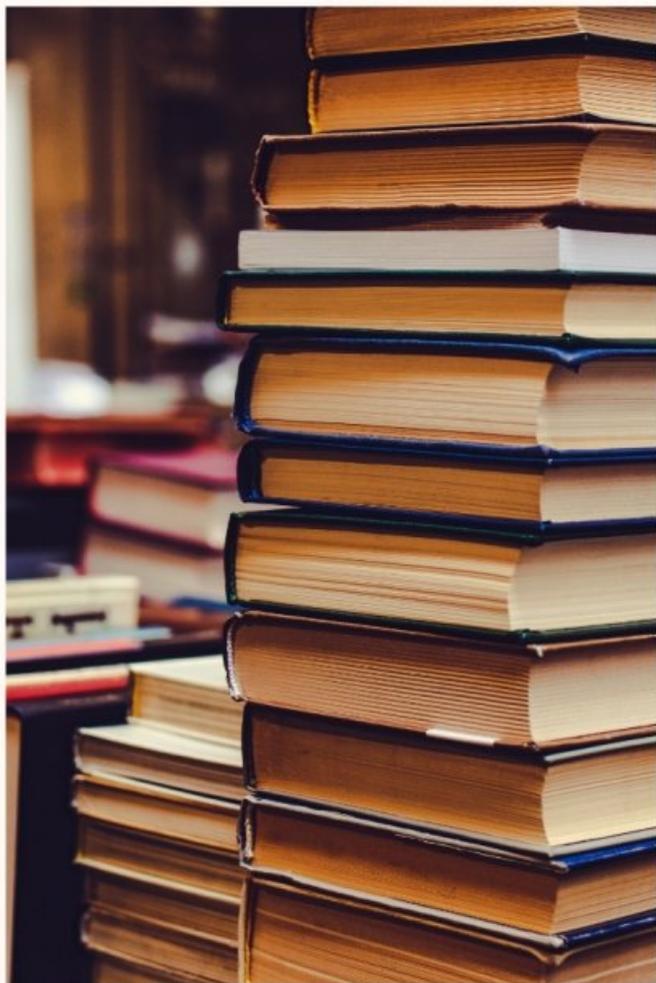
Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Elvio Nei Figur: Uma das coisas que faço é anotar as ideias sempre que elas surgem ou quando me deparo com boas reflexões em minhas leituras, observações da natureza, da sociedade etc. À medida que novas ideias relacionadas vão surgindo, vou tomando nota e separando-as por assuntos, até que um dos temas gerais forme um pequeno esboço. Vou ampliando esse esboço até perceber: “Bom, isso aqui já daria um artigo, uma reflexão ou talvez um livro.”

Minhas inspirações, como já deve ter ficado evidente, são a filosofia e os temas relacionados à vida. Destaco Kierkegaard como um grande mestre para mim. Além dele, outros escritores nacionais, como Clóvis de Barros Filho e a professora Lúcia Helena Galvão, estão entre os autores contemporâneos que prezo bastante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Elvio Nei Figur: Claro. Este é um trecho do livro “Na Trilha Sob o Sol”, no primeiro capítulo intitulado ‘Vida Harmonizada’:



“[...] o universo seria, para estes pensadores gregos, um todo harmonioso como cada instrumento em uma orquestra. Cada coisa com seu lugar próprio e harmônico.

– Mas espere aí – você me interrompe pela primeira vez. – E o ser humano? Também está onde deveria estar? Ele também tem um lugar único a que deve se ajustar nesse todo universal?

Bem, a resposta de Homero a essa sua questão é Positiva. [...] Para a filosofia dos antigos gregos [...] cada um tem o seu lugar ao Sol – o lugar que lhe é natural. Bastaria, portanto, que cada indivíduo descobrisse qual é

esse seu lugar e a vida valeria a pena. [...] a grande busca dos estoicos era justamente pela harmonização do homem ao todo universal.

Aliás, até mesmo o conceito platônico de justiça dialoga com essa ideia. Platão buscava a ordem como um elemento fundamental para que cada pessoa pudesse realizar sua identidade e justiça.

– E não é que eles parecem mesmo ter razão? Mas é aí, na busca pela harmonização ou da ordem, que surgem nossos maiores problemas. Não é?

[...] Pense em uma criança que é, desde cedo, orientada por seus pais ou responsáveis de que, se ela quer “ser alguém na vida”, precisa, sem reclamar, manter sua frequência e suas notas escolares “em dia”. [...] precisa também, no contraturno, frequentar aulas de inglês australiano, balé, piano clássico e judô – enquanto os pais ainda tentam se ajustar ao todo universal. [...]

– Ufa!

Já adolescente, esse mesmo indivíduo é informado de que aquilo tudo não foi suficiente. Para ter uma vida harmonizada ao universo que o cerca, agora ele precisa descolar uma boa nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou num vestibular. Mas não qualquer vestibular, há que ser em uma universidade bem conceituada. Universidade pública, de preferência, pois é lá que estão os professores “mais bem ajustados” – estáveis

funcionários do governo.

— Há! Há! Há!

Doze semanas após o início do primeiro semestre, lá está o jovem. Não vê a hora da formatura. Felicidade? A prometida vida que vale a pena? Vida harmonizada? Só depois de formado [...].

“Você precisa se casar” — alguém lhe afirma — “aí sim a felicidade virá!”. E todo o processo se repete. Infinitamente. Alteram-se os objetivos, os contextos, as metas e os desejos, mas o vazio permanece. Tudo se resume na mesma experiência do Qoheleth: “O que aconteceu antes vai acontecer outra vez. O que foi feito antes será feito novamente” (1, 9a NTLH); “não há nada de novo debaixo do sol” (1, 9 NAA).

— Acho que estou entendendo — o leitor interrompe. [...] A gente ‘corre e corre para alcançar o Sol’ mas ele prega peças na gente. Ele ‘dá a volta até ressurgir atrás de nós’ na maior indiferença quanto ao nosso existir. [...]”

(FIGUR, Elvio Nei. Na Trilha Sob o Sol. Maringá: Viseu, 2024, pp. 16-21)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Elvio Nei Figur: O livro “E Conheceréis a Verdade” está disponível

gratuitamente em formato e-book no site da Editora Fi: volta, até ressurgir atrás de si.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Elvio Nei Figur: Uma das coisas que faço é anotar as ideias sempre que elas surgem ou quando me deparo com boas reflexões em minhas leituras, observações da natureza, da sociedade etc. À medida que novas ideias relacionadas vão surgindo, vou tomando nota e separando-as por assuntos, até que um dos temas gerais forme um pequeno esboço. Vou ampliando esse esboço até perceber: “Bom, isso aqui já daria um artigo, uma reflexão ou talvez um livro.”

Minhas inspirações, como já deve ter ficado evidente, são a filosofia e os temas relacionados à vida. Destaco Kierkegaard como um grande mestre para mim. Além dele, outros escritores nacionais, como Clóvis de Barros Filho e a professora Lúcia Helena Galvão, estão entre os autores contemporâneos que prezo bastante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Elvio Nei Figur: Claro. Este é um trecho do livro “Na Trilha Sob o Sol”, no

primeiro capítulo intitulado ‘Vida Harmonizada’:

“[...] o universo seria, para estes pensadores gregos, um todo harmonioso como cada instrumento em uma orquestra. Cada coisa com seu lugar próprio e harmônico.

– Mas espere aí – você me interrompe pela primeira vez. – E o ser humano? Também está onde deveria estar? Ele também tem um lugar único a que deve se ajustar nesse todo universal?

Bem, a resposta de Homero a essa sua questão é Positiva. [...] Para a filosofia dos antigos gregos [...] cada um tem o seu lugar ao Sol – o lugar que lhe é natural. Bastaria, portanto, que cada indivíduo descobrisse qual é esse seu lugar e a vida valeria a pena. [...] a grande busca dos estoicos era justamente pela harmonização do homem ao todo universal.

Aliás, até mesmo o conceito platônico de justiça dialoga com essa ideia. Platão buscava a ordem como um elemento fundamental para que cada pessoa pudesse realizar sua identidade e justiça.

– E não é que eles parecem mesmo ter razão? Mas é aí, na busca pela harmonização ou da ordem, que surgem nossos maiores problemas. Não é?

[...] Pense em uma criança que é, desde cedo, orientada por seus pais ou responsáveis de que, se ela quer “ser alguém na vida”, precisa, sem

reclamar, manter sua frequência e suas notas escolares “em dia”. [...] precisa também, no contraturno, frequentar aulas de inglês australiano, balé, piano clássico e judô – enquanto os pais ainda tentam se ajustar ao todo universal. [...]

– Ufa!

Já adolescente, esse mesmo indivíduo é informado de que aquilo tudo não foi suficiente. Para ter uma vida harmonizada ao universo que o cerca, agora ele precisa descolar uma boa nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou num vestibular. Mas não qualquer vestibular, há que ser em uma universidade bem conceituada. Universidade pública, de preferência, pois é lá que estão os professores “mais bem ajustados” – estáveis funcionários do governo.

– Há! Há! Há!

Doze semanas após o início do primeiro semestre, lá está o jovem. Não vê a hora da formatura. Felicidade? A prometida vida que vale a pena? Vida harmonizada? Só depois de formado [...].

“Você precisa se casar” – alguém lhe afirma – “aí sim a felicidade virá!”. E todo o processo se repete. Infinitamente. Alteram-se os objetivos, os contextos, as metas e os desejos, mas o vazio permanece. Tudo se resume na mesma experiência do Qoheleth: “O que aconteceu antes vai acontecer outra vez. O que foi feito antes será feito novamente” (1, 9a

NTLH); “não há nada de novo debaixo do sol” (1, 9 NAA).

– Acho que estou entendendo – o leitor interrompe. [...] A gente ‘corre e corre para alcançar o Sol’ mas ele prega peças na gente. Ele ‘dá a volta até ressurgir atrás de nós’ na maior indiferença quanto ao nosso existir. [...]”

(FIGUR, Elvio Nei. Na Trilha Sob o Sol. Maringá: Viseu, 2024, pp. 16-21)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Elvio Nei Figur: O livro "E Conheceréis a Verdade" está disponível gratuitamente em formato e-book no site da Editora Fi: <https://www.editorafi.org/172elvio>.

O livro "A Verdade os Libertará!?" também pode ser baixado gratuitamente no site da Editora UFJF: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17831?locale=pt_BR.

Já o livro "Na Trilha Sob o Sol: por uma vida que vale a pena viver" está disponível, nas versões impressa e e-book, nas principais livrarias online, como Amazon, Americanas, Magazine Luiza, Apple Books, Google Play, Kobo, Toca Livros, Martins Fontes Paulista, entre outras.

Mais informações sobre este livro também podem ser encontradas na página oficial do livro:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



<https://natriilha.netlify.app>

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Elvio Nei Figur: Estamos diante de desafios significativos. Pesquisas têm demonstrado que mais da metade dos brasileiros não têm o hábito de ler regularmente. E há muitas coisas que podem estar contribuindo para essa triste realidade. Uma delas é a educação, que, desde sempre, enfrenta dificuldades com a falta de recursos, bibliotecas desatualizadas e muitos professores que não conseguem despertar nos alunos o

gosto pela leitura, seja por despreparo, desvalorização ou coisas do tipo.

O acesso aos livros está muito mais fácil do que no passado. Com a internet e o celular, ler passou a ser, do meu ponto de vista, mais uma questão de 'criar gosto', ou o hábito e uma pitada generosa de "força de vontade". Mas para isso é preciso o estímulo correto e direcionado. Os grandes clássicos da literatura mundial estão acessíveis na palma da mão. Muitos deles gratuitamente ou por preços muito acessíveis. Falta, ao meu ver, o hábito, o gosto, o incentivo cultural - ou, se preferirem, um bom 'marketing'.

O livro "Na Trilha Sob o Sol", de alguma forma, tenta estimular essa busca, esse hábito e/ou gosto pela literatura. E faz isso dialogando temas de interesse resgatando diferentes autores de diferentes épocas, mas que são sempre instigantes para aqueles que, "na trilha sob o Sol", anseiam "por uma vida que vale a pena viver". A literatura sempre foi e continuará sendo - para usar uma expressão de Saulo de Tarso que fala do "amor" - "um caminho sobremodo excelente" nessa busca.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Elvio Nei Figur: Sim, tenho algumas

ideias em mente. Mas ainda é cedo para revelar qualquer projeto.

Perguntas rápidas:

Um livro: 'A sabedoria dos mitos Gregos' de Luc Ferry, dos últimos que li.

Um ator ou atriz: Rowan S. Atkinson, imbatível.

Um filme: 'A Festa de Babette', baseado em um conto de Karen Blixen.

Um hobby: Conhecer novos lugares.

Um dia especial: 11 de janeiro, meu aniversário.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Elvio Nei Figur: Aproveito para dedicar meu livro "Na Trilha Sob o Sol" a todos aqueles que, como eu e tantos outros por aí, já "correram e correram para alcançar o Sol" sem se darem conta de que "ele estava se pondo, dando a volta, até ressurgir atrás de si". Enfim, dedico a todos aqueles que já desconfiaram que a vida, "para valer a pena mesmo", parece mesmo exigir uma "razão maior", um princípio ou "sentido último pelo qual se vive e/ou se morre".

Acredito que o Qohelet, o mais antigo autor de "[anti]autoajuda" que conheço, pode nos ajudar a refletir sobre isso. Bora?!



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

VOL. II

E-BOOK

VOL. II

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



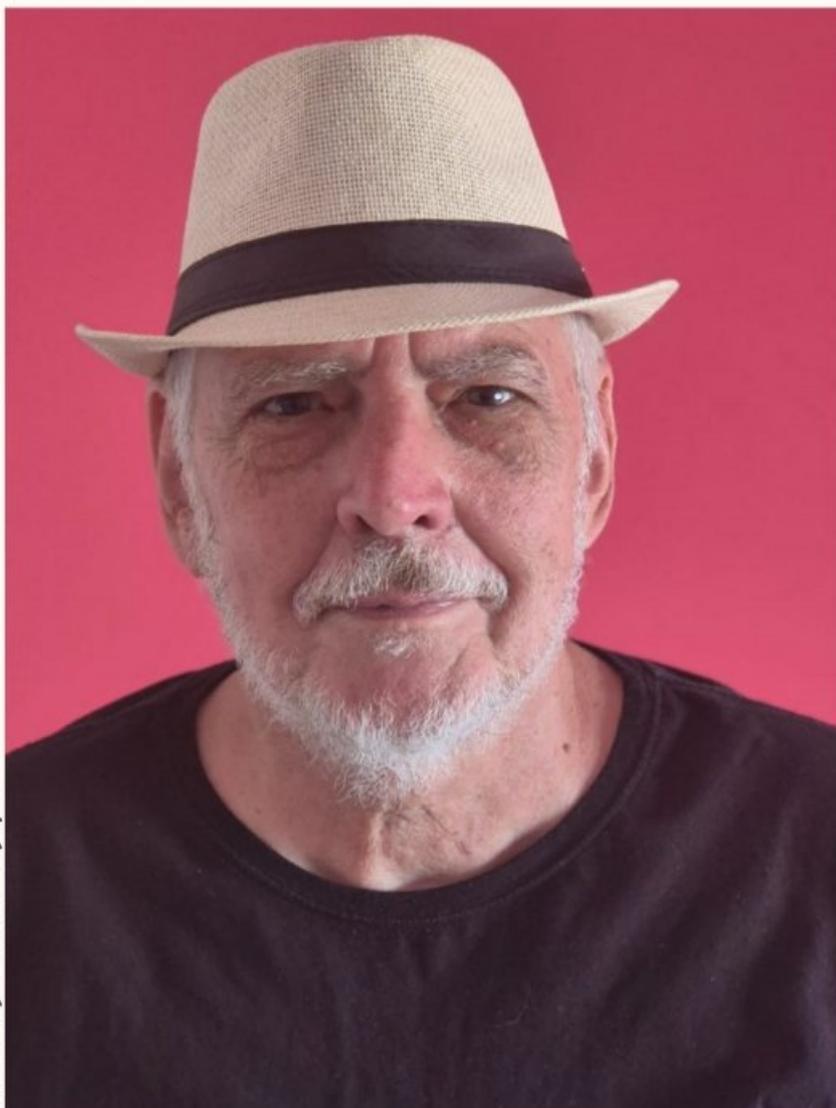
Selo Conexão Literatura

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Gil Camargo

POR ADEMIR PASCALE



Gil Camargo - Foto Divulgação

Profissional de TI, aposentado, pai de duas meninas e avô de duas netas. Gosta muito de escrever. Identificado com as posições de esquerda, progressistas. Resolveu trabalhar em um livro que mostrasse o envelhecimento nos últimos anos conturbados do Brasil. Possui biblioteca com cerca de 800 livros.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gil Camargo: Sempre escrevi para público interno, sem maiores pretensões literárias. Editei por conta um livro de poesias faz alguns anos e tive um livro que contava a história da cidade de São Paulo e do

meu time de futebol contratado por uma editora, mas ela foi vendida e o projeto engavetado. Agora consegui lançar Velhice Sinistra.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Velhice Sinistra", poderia comentar?

Gil Camargo: O tema do envelhecimento vem ganhando destaque na mídia, especialmente em debates sobre as implicações sociais e emocionais do aumento da expectativa de vida em um mundo acelerado. Estudos recentes apontam que os impactos de eventos globais, como pandemias e instabilidades políticas, são especialmente profundos para a terceira idade, tornando minha obra atual e

relevante. Como gosto de comentar: “A narrativa de Velhice Sinistra se propõe a mostrar como envelhecer pode ser desafiador em um contexto de tamanha transformação, mas também como a amizade e os vínculos humanos nos ajudam a encontrar sentido.”

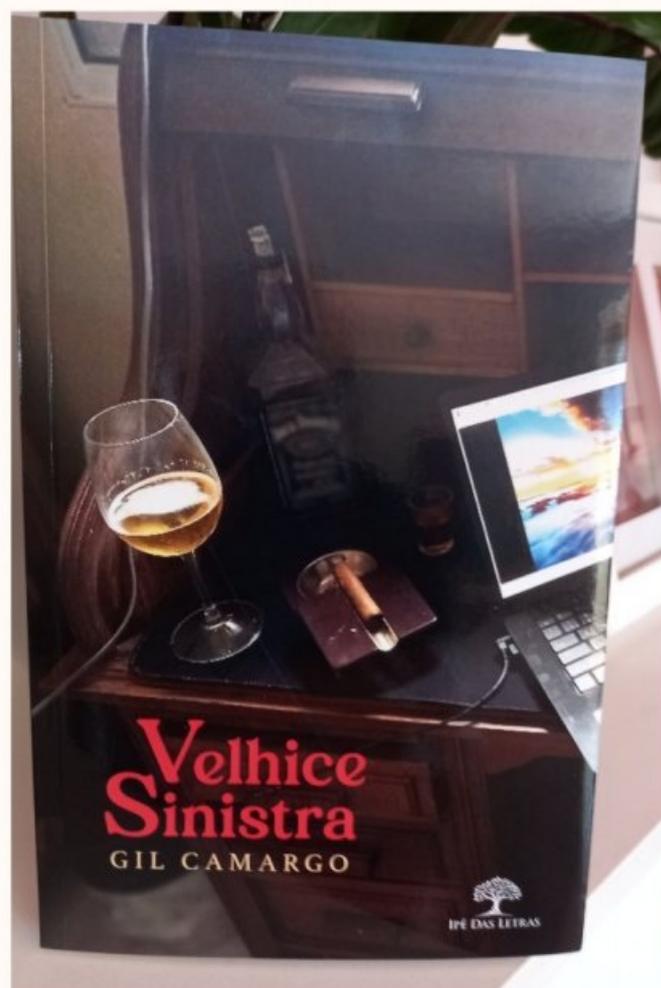
Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Gil Camargo: Em geral busco um refúgio, um local sossegado e distante da cidade de São Paulo para escrever. Neste momento minha principal inspiração tem sido observar através de amigos e mesmo comigo mesmo, como tem sido o processo de envelhecimento diante de um momento tão cheio de alterações na vida de todos nós, considerando tanto pandemia quanto mudanças radicais nos meios políticos. E escrever sobre isso tudo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Gil Camargo:

“Pedro não se considerava uma pessoa fria, apenas antissocial. Uma espécie de alma divergente que carregava tatuado no semblante o desconforto com relações hipócritas, forçadas, exageradamente simpáticas na superfície. Não é distância, é



escudo contra as próprias desilusões, justificava-se.

Por segundos regrediu aos anos setenta tentando rever-se, mas não encontrou mais aquele menino. Casamentos e empregos se tornaram protagonistas do dia a dia e os sonhos e as crenças foram preteridos, muitas vezes até dilacerados, e quem vencera fora o destino atávico sul-americano pela corrupção e pelo descaso com os semelhantes.

Antes de adormecer de cansaço lembrou da caixinha. Pegou-a na mochila e abriu. Era um copinho propício para tomar o velho Jack. Grafado em letras minúsculas por

algum artesão local, a frase que o deixo sinceramente emocionado.

“Nós sempre teremos Cunhaú”.

Ainda dentro da caixinha um pedaço de papel azul só fez aumentar os sentimentos:

Você lembra naquele dia no sítio do Vlad, quando falamos de amores proibidos e eu disse que não tinha nenhum? Pois eu menti, meu Darin dos trópicos.

Fechou os olhos lembrando do filme argentino. Sabia que duas certezas desceriam com ele em Guarulhos: continuava sem pertencimento. E a trupe acabara de vez.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gil Camargo: Quando você mesmo patrocina a edição de seu livro, acaba por buscar editoras mais em conta e por isso mesmo mais tímidas. A área comercial da editora é limitada e até o momento só está disponibilizado assim:

Direto comigo, e-mail
velhice.sinistra@hotmail.com (mando pelo correio com dedicatória)

<https://www.ipedasletras.com>

<https://www.amazon.com.br/> (físico e

Kindle)

<https://www.estantevirtual.com.br>
<https://www.umlivro.com.br/>

Em 28/03 haverá o lançamento do livro na Livraria da Vila de Higienópolis as 19 hs. Depois do lançamento estará disponível também na Livraria da Vila.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Gil Camargo: A leitura de livros está diminuindo gradativamente no Brasil, o que é lastimável. Não há incentivo, não há investimento e as novas gerações estão mais entretidas com as redes sociais do que com a leitura de livros, a meu ver essencial para a formação de qualquer pessoa. Uma pena.

Recentemente o jogador Neymar fez uma festa para seu filho. Na hora dos presentes, ele fez o que considerou um brincadeira (de péssimo gosto, by the way): Simulou estar dando de presentes alguns livros, que o menino, não fosse filho e neto de quem é, desprezou e mostrou uma certa indignação. Então recebeu o presente “correto”, uma idiotice qualquer de jogos. Assim são os tempos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gil Camargo: Tenho duas ideias para transformar em livros, mas só vou me dedicar após esse lançamento de março

Perguntas rápidas:

Um livro: Pessoas decentes, Leonardo Padura

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

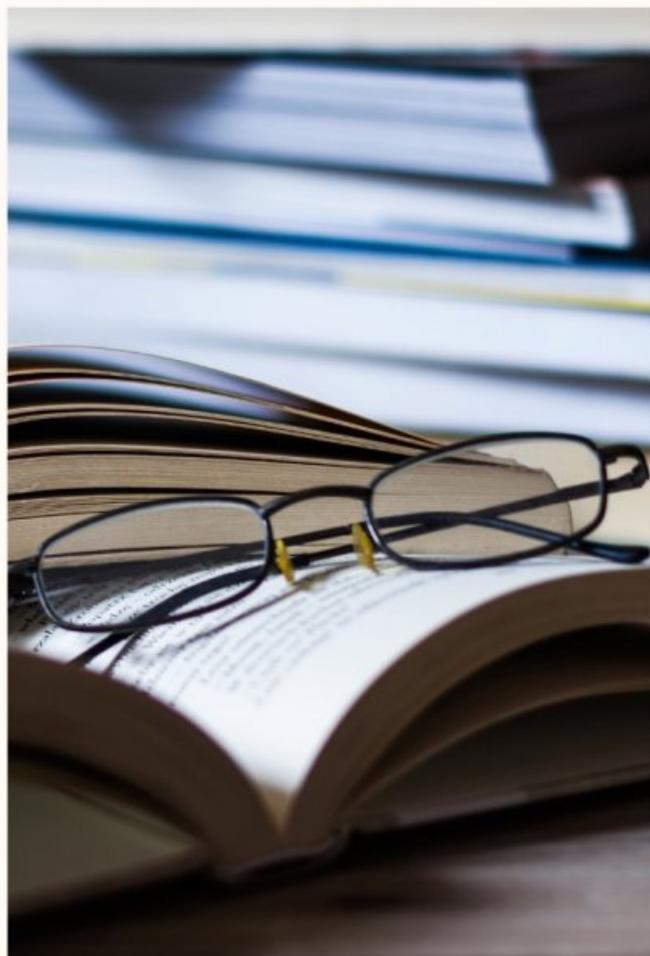
Um filme: Um estranho no ninho

Um hobby: Cerveja, Jack Daniels, música clássica e leitura

Um dia especial: Quatro. Nascimentos de filhas e netas

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gil Camargo: Sim: Leiam!!!



Entrevista exclusiva com Nacaiame Carvalho

POR ADEMIR PASCALE



Nacaiame Carvalho - Foto Divulgação

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar como surgiu o seu interesse na área educacional?

Nacaiame Carvalho: Sou Nacaiame Carvalho, baiana nascida na cidade de Cafarnaum BA, criada nas belas paisagens da Chapada Diamantina, qualificando muitos profissionais no mercado de trabalho.

Conexão Literatura: Você é a proprietária da Vntec Assessoria Educacional, que promove cursos técnicos de Eletrotécnica, Edificações, Administração, Mineração, Segurança do trabalho, secretaria escolar, Agrimensura e outros cursos. Os cursos são presenciais ou on-line? Como funciona?

Nacaiame Carvalho: Sim! Nossos cursos são 100% EAD, você estuda no conforto do seu lar, ou onde estive com conexão de internet.

Conexão Literatura: Como você vê a educação a distância nos dias de hoje? E como ela ajuda o aluno?

Nacaiame Carvalho: Hoje existe uma flexibilidade muito importante no ensino em Ead, isso faz com que muitas pessoas se sintam mais livres para poder estudar no dia e no horário mas oportuno, temos preparado uma alta demanda para o mercado de trabalho, que tem uma formação prática e voltada para realidade do setor e assim

preparando alunos para atuar em diversas áreas.

Conexão Literatura: Você também ministra cursos na Vntec?

Nacaiame Carvalho: Não, VNTEC é uma Assessoria Educacional.

Conexão Literatura: Quais são os cursos técnicos mais procurados?

Nacaiame Carvalho: Técnico eletrotécnica, Segurança do trabalho, Técnico em meio ambiente, técnico em Edificações.

Conexão Literatura: Em 2023 a Vntec foi considerada a melhor do ano com cursos técnicos pela FERAS DE OURO - MARCAS CAMPEÃ (Cafarnaum - BA), poderia comentar?

Nacaiame Carvalho: Sim, na verdade foi 2022-2023 é um evento realizado com votação no Instagram ajudando a prestigiar marcas e talentos de diferentes áreas profissionais.

Conexão Literatura: Como os interessados poderão saber mais sobre a Vntec Assessoria Educacional?

Nacaiame Carvalho: Basta entrar em nossas redes sócias, tanto no Instagram @vnteccursos, facebook ou através de nosso Whatsapp (74) 981447183, assim é o meio mas rápido.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Nacaiame Carvalho: Sim! A VNTEC pretende trabalhar com graduações assim crescendo cada dia mais.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cuatro Vientos, Ponto de Inflexão

Um hobby: Treino, assim posso cuidar de minha saúde.

Um dia especial: sair com minha família.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Nacaiame Carvalho: Agradeço pela oportunidade em poder apresentar nosso trabalho, obrigado.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

Entrevista exclusiva com Raul H. Ortellado

POR ADEMIR PASCALE



Raul H. Ortellado - Foto Divulgação

Raul Henrique Ortellado é doutor em História da literatura, professor e escritor. Leciona nas redes municipais de Rio Grande e Pelotas, onde desenvolve oficinas de leitura e produção textual para estimular a reflexão literária na escola pública. É autor de "A arte do incompleto" (2022) e "A paixão de Hefesto" (2024).

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Raul H. Ortellado: Escrevia desde criança, mas a partir de 2012 comecei arquivar meus rascunhos de romances, contos e poemas. Em 2022, resolvi publicar meu primeiro livro "A arte do incompleto: expiações de ficção", um livro de experimentações ficcionais entre o romance e o conto.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Paixão de Hefesto", poderia comentar?

Raul H. Ortellado: "A Paixão de Hefesto" é uma narrativa que mergulha no universo simbólico das divindades gregas para explorar temas profundos da condição humana. O livro utiliza a figura de Hefesto, o deus grego da metalurgia, e sua esposa Afrodite, a deusa do amor e da beleza, como personagens centrais que se materializam no Brasil para estudar a arte teatral.

A narrativa se desenrola em um cenário tropical, onde Hefesto e Afrodite se envolvem em experiências amorosas casuais com humanos, desviando-se de seus objetivos

iniciais. Essa interação entre deuses e mortais serve como pano de fundo para reflexões sobre a incompletude e a imperfeição humana, temas recorrentes na obra.

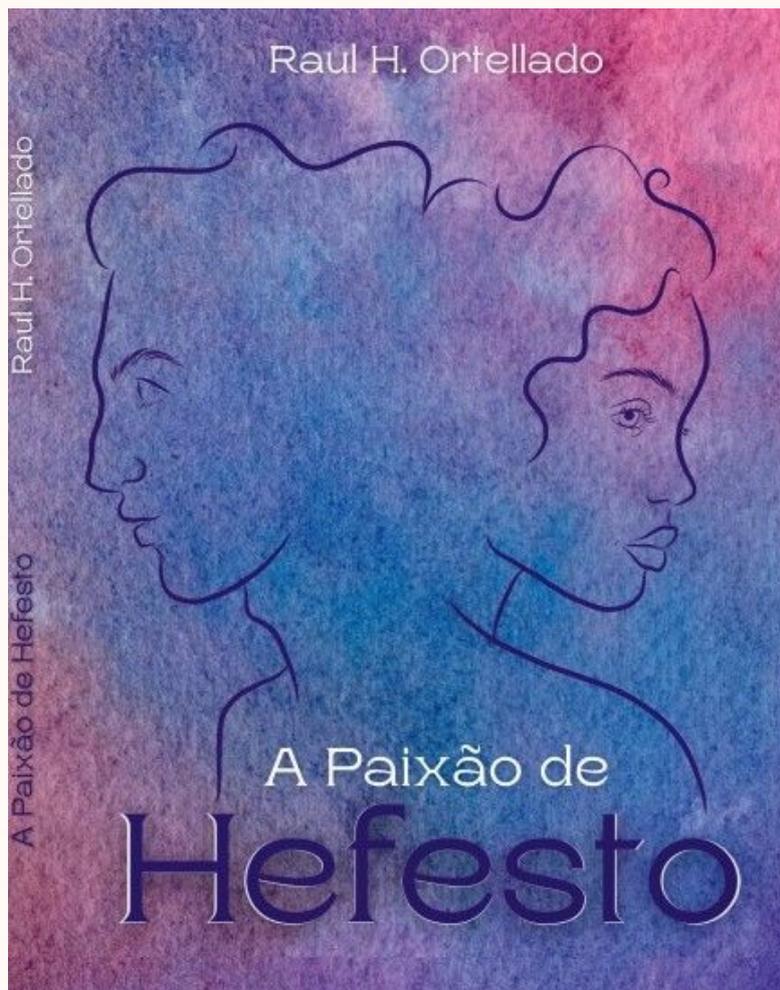
Com uma linguagem simples e envolvente um universo fantástico e o real se entrelaçam. A obra é uma mistura de teatro, fantasia e realismo fantástico, proporcionando uma leitura que é ao mesmo tempo instigante e introspectiva. Através de seus personagens, a obra nos convida a refletir sobre nossas próprias imperfeições e a busca incessante por completude.

Com 146 páginas, "A Paixão de Hefesto" é uma leitura recomendada para aqueles que apreciam literatura que vai além do entretenimento, oferecendo uma análise de reflexiva e irônica da natureza humana através de uma lente mitológica.

Se você gosta de histórias que combinam mitologia, drama e reflexão filosófica, este livro certamente será uma adição valiosa à sua coleção.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Raul H. Ortellado: Geralmente escrevo quando algo me deixa comovido ou instigado, seja no nível emocional ou intelectual. Um acontecimento real,



algum filme ou livro que li no momento. Enfim, quando tenho a necessidade de registro, quase que uma sensação catártica se une a uma teoria.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Raul H. Ortellado: “No entanto começou a beijar “meu corpo” se conectando comigo até a minha chuva umedecer toda a sua inocência e trazê-lo ao meu mundo, o mundo dos amantes. A minha nuvem de suores tomou conta do seu corpo, e ele foi

untado pelo óleo sagrado da deusa.
Eu amei esse homem
Esse homem me amou.
Não suportou a intensidade de uma
paixão divina e fugiu de Montpellier
em oração. Mea Culpa.”

Conexão Literatura: Como o leitor
interessado deve proceder para
adquirir o seu livro e saber um pouco
mais sobre você e o seu trabalho
literário?

Raul H. Ortellado:

Pelo Instagram:

https://www.instagram.com/raulh._o/profilecard/?igsh=OGRlcWhjcjV0cnBo

Pelo Facebook:

<https://www.facebook.com/share/14s7xSTX1a/>

Links para adquirir exemplares:

<https://simplissimo.com.br/produto/a-paixao-de-hefesto/>

<https://clubedeautores.com.br/livro/a-paixao-de-hefesto-2>

<https://www.estantevirtual.com.br/livro/a-paixao-de-hefesto-FU8-4336-000-BK>

Entrevistas e informações sobre meus

livros:

<https://www.instagram.com/reel/DC4yJg8Sgfm/?igsh=Zmo4eG9sYWp5NTE5>

<https://youtu.be/sVEUuX6Abj0?si=2VCOcxcdKTSGQUw2>

<https://youtu.be/oe8Fr-nLuTA?si=RcMxq0hi4KyyE4Xq>

<https://youtube.com/shorts/eVkl6zkWwOE?si=3SRHt3w43rk-g2JP>

Conexão Literatura: Como você
analisa a questão da leitura no Brasil?

Raul H. Ortellado: Vejo que a leitura de
ficção ainda está dentro de um nicho
muito restrito, tirando toda a
literatura infantil, religiosa, autoajuda
e empreendedora que tem garantido
leitores e vendas. Ainda assim, vira e
mexe, as bolhas intelectuais dos
grandes centros difundem suas
histórias e seus valores, como no caso
dos últimos prêmios Jabuti de
literatura. A literatura independente
continua forte e acolhe cada vez mais
leitores.

Conexão Literatura: Existem novos
projetos em pauta?

Raul H. Ortellado: Sim, tenho um
esboço de um livro teórico sobre
letramento literário na escola pública.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Raul H. Ortellado: Vejo que a leitura de ficção ainda está dentro de um nicho muito restrito, tirando toda a literatura infantil, religiosa, autoajuda e empreendedora que tem garantido leitores e vendas. Ainda assim, vira e mexe, as bolhas intelectuais dos grandes centros difundem suas histórias e seus valores, como no caso dos últimos prêmios Jabuti de literatura. A literatura independente continua forte e acolhe cada vez mais leitores.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Raul H. Ortellado: Sim, tenho um esboço de um livro teórico sobre letramento literário na escola pública.

Perguntas rápidas:

Um livro: Decameron, Boccaccio.

Um ator ou atriz: Ana de Armas

Um filme: Tróia

Um hobby: Caminhar

Um dia especial: Sexta- feira.

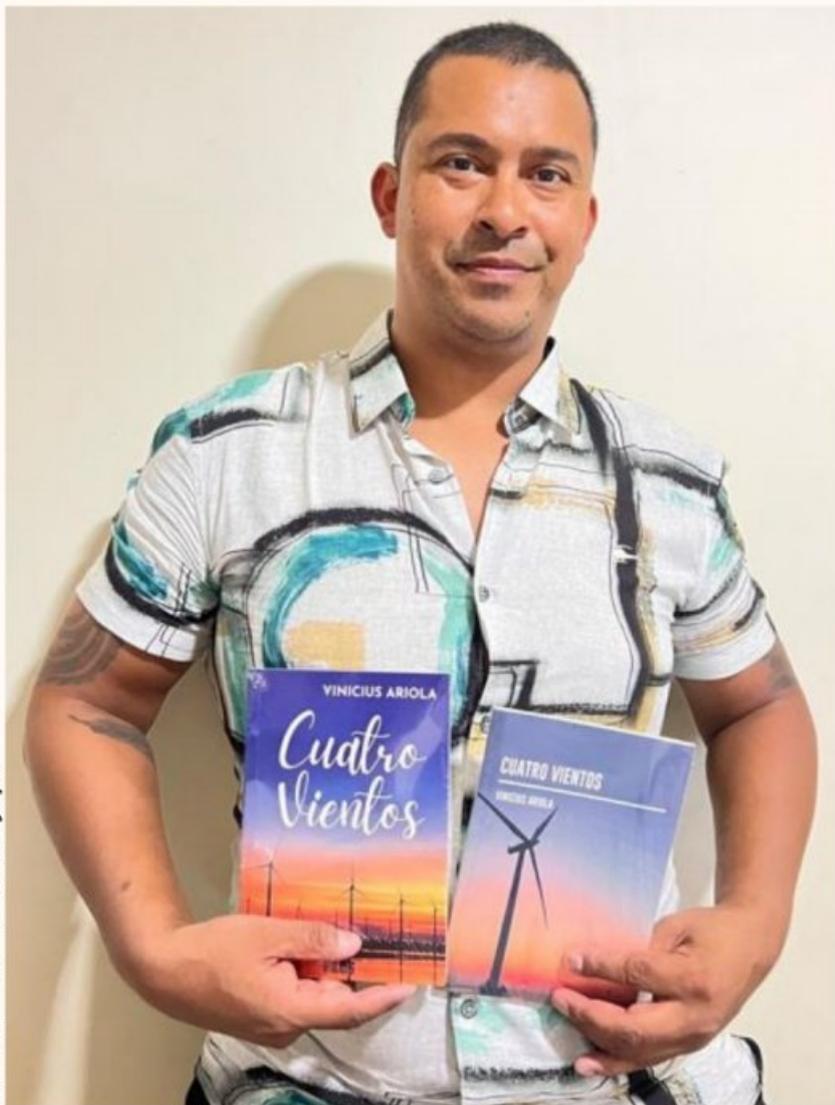
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Raul H. Ortellado: Busquem livros fora da bolha dos Best-sellers e encontrem histórias surpreendentes!



Entrevista exclusiva com Vinicius Ariola

POR ADEMIR PASCALE



Vinicius Ariola - Foto Divulgação

Gaúcho nascido em Porto Alegre e criado nas belas paisagens do litoral gaúcho em Tramandaí, tem conquistado corações e mentes não apenas com suas raízes sulistas, mas principalmente com sua contribuição literária.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Vinicius Ariola: Aos 14 anos, me mudei junto a minha mãe para a Argentina, onde passei 21 anos de minha vida. Foi lá que o amor pela literatura foi despertado por um presente especial de sua mãe – o livro “O Alquimista” do renomado escritor brasileiro Paulo Coelho.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Cuatro Vientos”, poderia comentar?

Vinicius Ariola: Cuatro Vientos nasce na necessidade de falar sobre mim, sobre o quanto foi difícil minha infância, meu processo de crescimento em minha vida profissional, e quanto sou grato a Deus e a energia Eólica por tudo.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Vinicius Ariola: No caso do meu livro Cuatro Vientos, o processo foi rápido, pois sentia esta necessidade de falar como é a vida dentro e fora de um parque eólico. Também

no dia 24 de Novembro foi lançado no Brasil meu livro "CIELO". Este projeto foi inspirado por um poema que escrevi onde participei de uma antologia intitulada Invictus, com o poema O tempo. Deixo meu agradecimento a Casa Brasileira de Livros.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Vinicius Ariola: A EMPRESA

A ansiedade que me encontro aqui prestes a começar a reunião, e estar sentado nessa sala com esses diretores de grandes empresas multinacionais. Em poucos minutos passa um filme na minha cabeça e pensar que para muitos eu era um caso perdido, não chegaria a lugar nenhum e seria só mais um.

Deus mudou totalmente a minha vida. Tive que fazer uma escolha e fiz a correta, hoje vejo que tudo que passei desde criança valeu a pena estar aqui no Brasil, nessa sala de reunião com pessoas de cinco países. Nossa! Eu nem posso acreditar, mas minha hora chegou.

Vamos começar! Minha esposa é hoje diretora de nossa empresa e ver ela vestida assim tão elegante é gratificante. Quem diria! Nascemos em família pobre e estamos aqui prestes a assinar um contrato milionário.

Deixo este trecho, pois ele faz menção

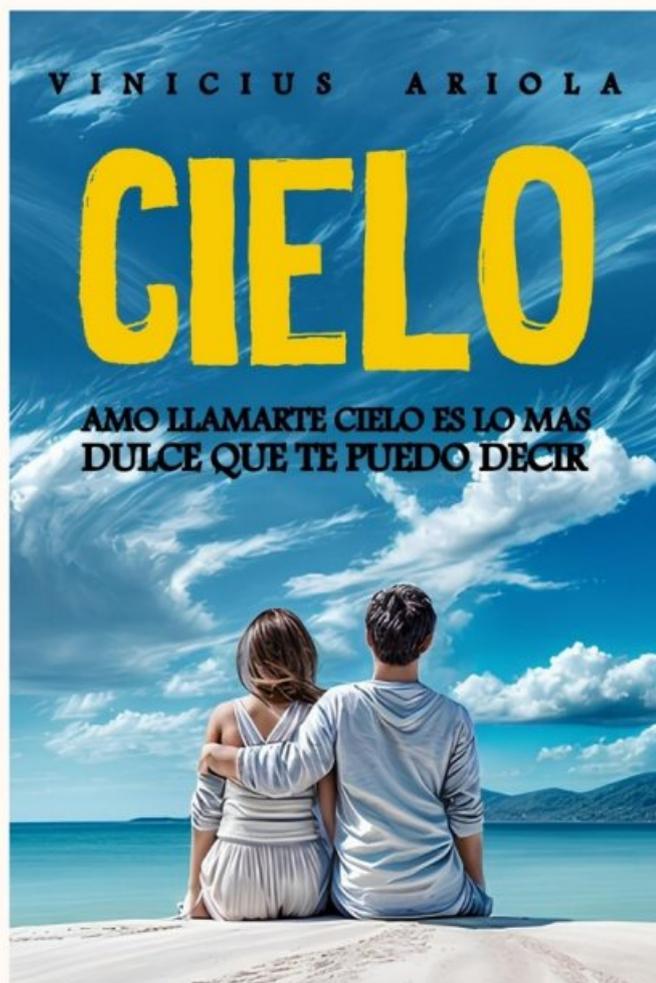


sobre o trailer referente ao filme.

Conexão Literatura: Você faz um trabalho social na venda do livro, transformando em cestas básicas para os mais necessitados. Fale mais.

Vinicius Ariola: Desde quando cheguei no Brasil na época da pandemia, moro numa cidade do interior da Bahia, e um dia ainda durante a pandemia saímos juntos eu e minha esposa e vimos muitas pessoas com dificuldades financeiras.

E senti a necessidade em ajudar, então comecei a comprar meu livro a preço de custo para poder assim



vender e transformar o ganho das vendas em cestas básicas.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Vinicius Ariola: As dificuldades que o país passa torna a leitura como segundo plano, infelizmente. No Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro, isso torna quem quiser viver da escrita no Brasil um desafio.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Vinicius Ariola: Sim, dia 01/02/2025

www.revistaconexaoliteratura.com.br

lançamos o trailer oficial do nosso filme Cuatro Vientos.

Estou escrevendo outros livros.

Conexão Literatura: O livro ganhou alguns reconhecimentos, nos conte quais?

Vinicius Ariola: Feras de Ouro 2022 - 2023

O Gaúcho que Conquistou o Título de Polímata do Ano de 2023 com seu Livro "Cuatro Vientos"

TÍTULO DE REFERÊNCIA E QUALIFICAÇÃO LITERÁRIA "CASTELÃO" (do latim castellanus) do ano de 2024.

Conexão Literatura: Fale do seu Filme, onde podemos assistir?

Vinicius Ariola: Meu sonho é ver o Cuatro Vientos transformado em filme, ano passado fizemos uma vaquinha e juntamos dinheiro e produzimos o trailer que se encontra no youtube.

Conexão Literatura: Como podemos adquirir o livro?

Vinicius Ariola: Os livros estão de forma digital e físico em plataformas que deixo o link

A disposição. Lembre-se de comprar assim podemos ajudar quem precisa. Sempre publicamos em nossas redes as doações para que saibam que fazemos este trabalho com seriedade.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cuatro Vientos

Um ator ou atriz: Ricardo Darin,
Guillermo Francella, Denzel
Washington, Selton Melo, Wagner
Moura.

Atriz: Alice Braga

Um filme: O Gladiador / Forrest Gump

Um hobby: Ler, quando tenho tempo.

Um dia especial: Estar em Família.

Conexão Literatura: Deseja encerrar
com mais algum comentário?

Vinicius Ariola: Devemos apoiar novos
escritores, nosso país tem uma
grande cultura e grandes talentos.

Link trailer

[https://youtu.be/AL4J88VRkUc?
si=UwNRZQpc8FQnbswL](https://youtu.be/AL4J88VRkUc?si=UwNRZQpc8FQnbswL)

PARA ADQUIRIR O LIVRO CUATRO
VIENTOS OU SABER MAIS:
<https://encurtador.com.br/96hao>

PARA ADQUIRIR O LIVRO CIELO:
[https://pay.hotmart.com/Y97329390I?
bid=1736599365409](https://pay.hotmart.com/Y97329390I?bid=1736599365409)



Citações de Grandes Autores





“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.”

Fernando Pessoa

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.”

Cora Coralina





Ademir Pascale - Editor



participe das nossas
Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR MÍ SANTIAGO

NATUREZA EM RISCO

Adormeci pensando na última oficina literária realizada na Casa das Culturas de Santos, que abordou entre outros temas, sobre os problemas climáticos que vêm ocasionando e devastando o mundo.

Aos poucos, no sossego de meu quarto fui deixando de lado as dificuldades, angústias e me concentrei nas batidas do coração, que ora descompensado, voltava à normalidade, batendo devagar.

Sonho ou não, me vi no limite entre atmosfera e o espaço exterior e pude comprovar a famosa expressão do astronauta Iuri Gagarin “A Terra é azul”, e de uma beleza de perder o fôlego!

De repente, percebi que não estava só naquela tranquilidade de imensidão que é o universo. Luzes vinham ao meu alcance, fechei os olhos e, ao pairarem bem à minha frente, telepaticamente escutei: “abra os olhos, nossa luz não irá cegá-la, vocês que já vivem na escuridão!”.

Lentamente abri os olhos, compreendi serem anjos de várias cores, eram sete, as tonalidades do arco-íris. Não tinham corpos como vemos em filmes ou livros, apenas luzes e cada cor resplandecia a um assunto a cuidar, algumas cores cuidavam de vários temas.

— Captamos em sua mente o que te trouxe até nós, mencionou um deles, de cor verde, já que diz respeito à natureza em todo o seu esplendor, as matas e tudo o que nela habita, e também rios, lagos, mares. Sabemos o quanto é triste o que vem acontecendo com o planeta Terra, e arruinada a natureza tudo a seu redor padece, continua o anjo verde.

— Somos de várias cores porque cuidamos cada qual de seu espaço, mas não podemos interferir nas atitudes de vocês humanos. Ajudamos quando altera a órbita do astro, mas mudar suas ideias e ações não temos permissão para isso. Sinto muito se a decepção, já que veio até nós.

— Vim porque me senti na obrigação de responder uma pergunta feita por um menino da cidade de Peruíbe, do litoral de São Paulo, no Brasil, que perdeu sua casa na enchente, ele queria saber quando teria outro lar.

— Ora, essa obrigação não é de sua responsabilidade, e sim, das autoridades, responde o anjo.

— Mas ele simboliza toda a gente do mundo. Preciso responder-lhe o que podemos fazer para reverter essa situação, retruquei.

— Digo-lhe que desde a primeira bomba atômica e assim sucessivamente atos egoístas que enrique poucos vêm arremetendo à destruição, a falta de água em partes do mundo, e há excesso em outros locais; queimadas desordenadas condenando o solo e os animais... a lista é tão grande de estragos causados por vocês, enxergamos tudo isso como falta de responsabilidade de todos os governantes e das pessoas também, que quando podem e têm consciência, não fazem nada pelo meio ambiente.

— Nada é impossível, retruquei num lampejo de que algo poderíamos fazer. Alguma coisa tem que ser feita, gritei com lágrimas aos olhos.

Por minutos ou horas, não sei, já que o tempo é diferente no cosmos, até que me orientassem em um começo.

— Seu interior já tem algumas ideias, e vocês podem começar por elas, diz o enviado de Deus. As enchentes que acontecem estão em toda parte, como você deve saber, falta de crescimento desordenado e sem infraestrutura.

— Tenho em mente um grande reforço na reciclagem, sabemos que parte do lixo espacial contribui para a destruição da camada de ozônio. Reciclar materiais não uteis evita acúmulo de lixo em aterros sanitários, traz geração de renda com cooperativas e até moda sustentável já existe.

— Pode ser um começo, não sabemos, as ideias são de vocês cuidarem da melhor forma possível do planeta, diz o anjo.

— Também consegue-se gerar energia elétrica com o lixo... distraída em minhas ideias não percebi quando os anjos se foram.

Acordei me sentindo diferente, confiante. Entendi ser um aviso dos enviados de Deus para que nossa fé se mantenha forte a enfrentarmos as adversidades da vida. Em tudo o que acontece não adianta apontar o dedo aos culpados, pois já foi, e todos nós respondemos por nossas ações e escolhas. Então, sem desânimo e com vontade, regacemos as mangas em busca de um mundo melhor!



Mí (Míriam) Santiago: jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

Contato: miriansssantos@gmail.com

<https://www.instagram.com/miriammorganuns/>

<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>

<https://miriammorganuns.blogspot.com/>



Mergulhar em uma
história é como
**explorar um novo
planeta.**

POR IDICAMPOS

LOROTA



A distância entre o real e o imaginário esbarra nas contradições exercidas pela obscuridade da verdade que jamais será absoluta. Vide a força da mentira repetitiva, capaz de forjar o patrimônio da inteligência artificial.

No solavanco contemporâneo dos anos vinte, do século XXI, ficou difícil colocar filho no mundo, assim pasma o nascimento desta história quase verídica; fictícia por arte da palavra, portanto tão real como a maldade humana.

Respirou o sopro da vida em Paracambi, no colo da parteira, antes do advento do SUS (Sistema Único de Saúde), sob a observação do pai estelionatário, obrigado a falsificar a identidade na hora da confecção da certidão de nascimento do filho.

A mãe criou o garoto com bastante zelo, ensinou-o a fingir, deu-lhe o sabor do fonema no céu da boca, batizou-o de Ferdinando. Conduziu a criança no hábito de andar, cobriu as vergonhas do bebê com fralda descartável. De impulso, o neném repetia igual papagaio a primeira palavra aprendida: “Mentira”.

Iniciou a entrada no mundo mentindo, chorava de barriga cheia, ria quando nem achava graça, só amava por interesse, gritava pra ninguém dormir, deixava para evacuar após a troca das fraldas; transbordava os sinais do anticristo.

O dia a dia convergia a realidade com a imaginação - aliás, todo loroteiro é dúbio - mente tanto que de tanto mentir a mentira vira verdade. Ferdinando acomodava esses pensamentos desregrados no subconsciente.

Trapaceava na escola nos exames de verificação da aprendizagem, colava direto, passava de série raspando, detestava ler; exceto a cibernética da distorção dos fatos na internet. Assunto predileto do Jovenzinho, um gênio endiabrado, uma referência na obscuridade das redes sociais.

Postava um perfil, retalhado por declaração suspeita, produzido por inteligência artificial: onde apresentava a estampa de galã, corpo de atleta, papo de poeta e figurino de artista de Hollywood. Uma identidade digna de novela mexicana.

Fred Usa, nome de guerra nas plataformas digitais, exímio em conteúdo falso, especializado em denegrir a personalidade humana, ganhava a vida atrasando a dos outros. Um hacker, sabia do podre de todo mundo, vigiava suas vítimas 24h por dia.

Servia à alta sociedade feito cachorrinho de madame, lambia dos pés à cabeça a primeira-dama do crime organizado, também a mulher do governador, a prima do juiz, a filha do senador, a amante do capitalista, uma lista longa. Trazia as mulheres mais importantes da coluna social no cabresto da sua performance sexual.

Ferdinando não valia nada, nem perdia uma parada, atacava de bissexual. Então, fazia fila nas diferentes classes sociais, frequentavam o apartamento do bem-aventurado as personalidades que, por razões óbvias, jamais serão reveladas nesta história realista. O cabra safado respirava contravenção, ia do jogo à Corrupção com a facilidade de quem rouba doce na mão de criança.

A imagem editada sagrava muita audiência ao influenciador digital, tinha mérito, fora um dos idealizadores da moda da mentira. Caluniava o chefe do executivo, o responsável pelo legislativo e o coringa do judiciário. Lavava a cara, desrespeitava qualquer regra, manipulava a opinião pública com postagens falsas, assim acumulava fortuna vendendo lorotas.

O site Fred Usa bombava nas negociatas de calúnia, botava preço no conteúdo por critério socioeconômico, gênero, etnia, mas também o tamanho da mentira. Estipulava numa tabela anexada na entrada do escritório da firma, os preços da mentirinha, da mentira, e da cascata.

Na sequência das postagens escabrosas, adquiriu muitos inimigos, um amontoado de processos por calúnia e difamação. No bojo da oposição, vinha a mulher indicada à diretoria de uma estatal cuja a reputação foi, covardemente, denegrida na plataforma digital, beneficiando a posse de um corrupto famoso. A dama seguia os passos do meliante com o faro de um cão de caça.

O deputado honesto, enrolado numa fake news, suava a camisa tentando esclarecer a veracidade do assunto; movimentava uma ação pública contra o exercício da mentira, acionava Ferdinando como alvo principal.

A empresária da indústria da reciclagem, vasculhada na intimidade ilegalmente, possuía a vida pessoal exposta num endereço eletrônico de fofocas, obra do curtido Fred Usa. O falsário havia exibido fotos íntimas da executiva, num rolo doido com a secretária particular. A balzaquiana queria trucidar o carcamano.

O senhor Fulano de Tal teve a bipolaridade ameaçada, chantageado por assédio a menores de idade. Jurava nas rodas de chope que vingaria o destrato, colocou até um detetive na cola de Ferdinando.

Fred Usa, mestre em golpe baixo, cueca no chão, dinheiro na mão, redator da verdade relativa, estava com os dias contados. O sucesso trocava de lado com o mentiroso, a revira volta contrariou o humor do submundo da informação, Ferdinando virou bola da vez.

O sossego do dinheiro foi incomodado por um mandado de busca e apreensão. A polícia encontrou no congelador da geladeira da celebridade a ferramenta do crime: o

celular. O aparelho telefônico parecia um pasquim de sábado de aleluia, desvendava a lavagem de dinheiro da burguesia fluminense.

O velho colchão pagou o pato, porque as molas cediam lugar aos milhares de dólares. O fundo do armário acomodava as joias sonegadas na alfândega, contratos de gaveta, mais uma vasta documentação implicando autoridades da república.

O Rio de Janeiro continua lindo, o que estraga é o excesso de malandragem. Ferdinando parou atrás das grades, ganhou a manchete do Correio da Lavoura, Paracambi ficou em evidência, finalmente a mídia lembrou da Baixada Fluminense.

Dois dias depois da prisão, houve queima de arquivo, Ferdinando apareceu mortinho na Penitenciária de Bangu; manchado de batom, pelado, com uma frase tatuada nas costas: Eu te amo! Ninguém entendeu o desfecho, a opinião pública calou, aceitou o laudo da perícia que descrevia crime passional movido por paixão.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES
POR**
- R\$ 180**

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- e-mail: ademir@divulgalivros.org



POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

SEU OLHAR

Helena sempre foi uma moça focada. Séria, equilibrada, estudiosa. Era até mesmo um pouco enfadonha em suas manias de organização extrema. As roupas jamais amarrotadas, nunca chamativas. Poder-se-ia dizer que era conservadora. Aos vinte e cinco anos, aparentava ao menos dez anos a mais pelo estilo senhoril que adotava, com os cabelos pretos lisos sob corte Chanel, na altura dos ombros, muito brilhantes. Investia em bons produtos cosméticos pois achava essencial uma aparência limpa, com certo charme e sem alarde.

João Marcelo havia se formado em Odontologia, seguindo os passos do pai, conhecido dentista na região em que residia, na zona leste da cidade. Mas na verdade, como sempre ostentou temperamento lúbrico, deixou-se conduzir pelos imperativos paternos, sem convicção nem energia para buscar o próprio caminho. Acabou que não suportou aquele universo de brocas, bocas abertas, dentes cariados, raízes mortas. O pior era lidar com os espasmos, contrações, torções repentinas. Seu coração disparava pois o maior receio era machucar o paciente. Aquilo definitivamente não era para ele. Findou por abandonar a clínica do pai para trabalhar como vendedor de seguros. Os ganhos eram infinitamente menores, mas não se estressava pois se limitava a ser educado, explicar as cláusulas contratuais e quando existiam reclamações ou dissensos inconciliáveis, sempre podia passar o cliente para o chefe do setor.

Duas pessoas tão diferentes. Helena, com sua camada protetora sólida e grave. Incontáveis vezes decepcionou-se ao confiar nas pessoas. As relações românticas então, foram desastrosas. Achavam-na lacônica, rígida, distante, desinteressada. E realmente, ela era assim. Seu modo automático de se proteger do próximo. Aprendeu desde cedo com os pais ocupadíssimos — ambos eram psiquiatras, veja só — que mostrar afeto, esperar toque, carinho ou estímulo verbal era algo imaturo. Algo sem importância na vida adulta. Era preciso ser forte. E não fazer frescura...

Eis que, então, desabou o firmamento na sexta-feira, às 17:00 horas. Helena já havia saído do escritório da empresa em que trabalhava, na área de tecnologia da informação. Pretendia voltar para casa de metrô, mas com o caos instalado, preferiu dar uma volta no shopping à distância de uma quadra, pois já sabia que o deslocamento nessas intempéries poderia ser, além de moroso, frequentemente arriscado.

João Marcelo havia chegado na academia do shopping às 15:00 horas. Não possuía clientes para atender na sexta e aproveitou para se exercitar, algo que sempre lhe dava prazer e o relaxava. Talvez se tivesse feito educação física fosse mais feliz e houvesse evitado os embates com o pai, ainda inconformado com a sua atitude de se distanciar da sua profissão. Mas pela primeira vez em anos, sentia-se em paz consigo mesmo. Até que descobrisse, se é que o faria, o que iria despertar-lhe o prazer criativo em termos profissionais, o essencial era ter um trabalho digno e pagar as próprias despesas.

Após uma longa chuva, João vestiu a camiseta limpa e uma calça de moletom. Sentia-se revigorado e animado para o fim de semana. Havia sido convidado para uma festa de aniversário da irmã de um ex-colega de classe e seria muito agradável encontrar a turma já conhecida, rememorando as aventuras da época da universidade. Que não foram poucas. Drica, a irmã em questão, era muito atraente e sempre teve a

impressão de que ainda iria se envolver de algum modo com ela. Quem sabe. Não tinha expectativas, mas, certamente, morto não estava.

Saiu distraído da academia, com os cabelos úmidos, procurando o celular solto no bolso, fechado com zíper, da mochila de couro preto. Com a mente absorta, deu um encontrão, de súbito, justamente com Helena, a qual olhou-o meio enfezada, não aparentando satisfação por ser atropelada por um homem daquele tamanho, já que João Marcelo possuía 1,87 m de altura.

Até perceber o que havia ocorrido, um acidente de trânsito entre pedestres, por assim dizer, passaram-se alguns minutos. João ficou olhando para aquela moça brava, com o cenho franzido, olhos muito escuros e grandes, com clara ascendência hispânica.

— ãh...desculpe, não te vi! Você se machucou?

A outra suspirou com rigidez, aparentando nervosismo. Depois de algum tempo, a contragosto respondeu.

— Tudo bem....não. Dá licença , por favor....

Eu hein. João Marcelo ficou imaginando que a mulher devia ter acabado de levar um mega fora para estar assim tão azeda. Mas até que ela era bonitinha, valia a pena tirar um sarro dela para extrair um sorriso. Já que não precisava mais extrair dentes, graças a Deus...Usou a tática do seu sorriso escancarado. Sempre funcionava.

— Ah, por favor, se eu não te compensar pela indelicadeza não vou ficar tranquilo...vamos tomar um café, um refrigerante! — falou com tom muito respeitoso e sabia, tinha uma cara incrível de “bom moço”.

A vontade de Helena foi de falar um palavrão. Cara folgado.... mas ao mesmo tempo, veio-lhe à mente o que Mariana, sua amiga de faculdade, havia lhe falado na véspera quando se encontraram para jantar: Lê , você é muito séria, precisa dar oportunidade para que as pessoas te conheçam, não fique na defensiva quando forem amigáveis com você, tenta, vai....

Ai, a lição de casa... Helena sabia, a amiga tinha razão. Às vezes se sentia a irmã mais velha da própria mãe e olha que ela era bastante sorumbática. Respirou mais fundo. Aquela era uma oportunidade de “socializar” com o gênero oposto...

— Sim, se for rápido não tem problema.

João Marcelo não conseguiu conter uma risada. Mas que figura! Aquela moça lhe lembrava a professora de Farmacologia.

Sentaram-se em mesas pintadas de branco, com estofamento das cadeiras em tons florais, no estilo provençal. Um pequeno quiosque de madeira patinada, no mesmo tom claro, era ocupado pelos funcionários do café que preparavam bebidas e arrumavam os doces e salgados pedidos pelos clientes.

Estiloso isso — pensou Helena. Ao menos esse cara deve pagar a conta do café. Mas desconfio que vai querer dividir a conta ou vai dizer que esqueceu a carteira...

Quase que adivinhando os pensamentos da circunspecta garota, com um meio sorriso nos lábios, João não se esquivou:

— Olha, faço questão e pagar a conta, fique à vontade, eu acabei de malhar, mas sei que aqui tem uma bomba de chocolate absolutamente divina...

Só faltava essa. O sujeito devia ter algum dom telepata, que perigo isso, chato, hein?! Ela não podia ser tão óbvia....

E assim duas pessoas inicialmente estranhas, absolutamente antagônicas, com seus mecanismos de autodefesa momentaneamente suspensos, deram-se a oportunidade de uma conversa tranquila, honesta e muito divertida. Aos poucos, os olhos de ambos se cruzaram e se perderam reciprocamente, enebriando-se de modo desavisado e súbito. A festa programada para o dia seguinte fora esquecida. O tempo passou voando. O temporal já não preocupava. Não havia qualquer pressa para deixarem aquele lugar...

João Marcelo não se reconheceu ao ouvir as próprias palavras:

— Seu olhar é tão lindo! Vamos sair amanhã e continuar nosso papo? Estou adorando!

Helena sorriu, mostrando uma beleza iluminada pela mudança das feições.

— Eu também! Claro, vamos sim! E não precisa ser rápido!



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



POR NEY ALENCAR

A MONTANHA DO CÃO



1856. Terra entre Lagos.

O garimpeiro puxou as rédeas e o cavalo parou abruptamente quando o vento que veio do vale abaixo bafejou sobre seu rosto com o gosto almiscarado de um animal selvagem!

Cofiou a barba cinzenta e olhou para a encosta da montanha perdido em pensamentos.

O cavalo do segundo garimpeiro, bem mais jovem, quase um rapaz recém amadurecido, o alcançou exatamente no topo e parou. O homem riu consigo mesmo diante da visão além. Patos selvagens e gansos revoavam pelo vale e podia ver pelo chão as marcas de alces e cervos em grande quantidade e até alguns bisões. A caça era abundante ali!

— Encontramos o paraíso, meu caro Tomas! — indicou o segundo garimpeiro com uma risada estridente e forte sotaque sulista, pois nascera em Massachusetts.

O primeiro ficou em silêncio. Aquele odor selvático e almiscarado o fascinara e ao mesmo tempo o amedrontara. Não conhecia um cheiro de bicho assim.

Não era urso, nem pantera, talvez um lobo desgarrado, mas não tinha certeza.

— Não existe mais ninguém por aqui. — continuou o segundo garimpeiro — É tudo nosso! Basta que o reivindicemos no escritório de terras.

O velho Tomas procurou com a vista aguçada qualquer coisa que o avisasse da existência de índios ou de outros posseiros. Não encontrou nada a primeira vista.

— Você está certo Rollinsson, é um paraíso. — concordou Tomas esporeando o cavalo e começando a descer a encosta devagar.

Mas ainda havia alguma coisa ali escondida que o desafiava, como um daqueles truques que vira um mágico da cidade fazendo certa vez quando ainda era menino, na cidade grande, estava li na sua frente, porém não conseguia ver!

Chegaram ao fundo do enorme vale quase ao cair do crepúsculo, pois a montanha era bem alta. Vez por outra ouviam animais correndo e se escondendo ao redor deles, não conseguiam ver de que tipo era, mas sabiam que não eram pequenos, talvez raposas ou coiotes quem sabe? Pararam os cavalos ao lado de um riacho profundo e borbulhante que serpenteava pelo meio do vale.

Tomas olhou dentro das águas, viu o brilho amarelo das minúsculas pepitas de ouro quando a luz do sol as tocava, realmente um paraíso! As águas espelhadas refletiam o céu pontilhado de nuvens brancas. Os últimos raios do arrebol se misturaram às águas. Armaram acampamento em uma clareira na mataria de pinheiros pretos.

Deixaram as duas mulas e os dois cavalos amarrados próximos.

Tomas tinha a nítida impressão que estavam sendo observados, não conseguiu ver nada. Armaram um abrigo com troncos de pinheiros e acenderam uma fogueira. O rio tinha peixes e logo havia alguns sobre as brasas. O cheiro da carne assada redemoinhou pelo vale no vento da noite despertando coisas que não deveriam ser despertadas!

Subitamente, enquanto jantavam, um som bizarro veio do fundo do vale. Não era uivo de lobo. Era um grito bestial de alguma criatura solitária e má! Veio descendo no vento que serpenteava pelo vale e subiu em uma nota estridente e aguda, cessando em seguida. O silêncio que se seguiu foi perturbador.

— O que foi isso? — perguntou Rollinsson nitidamente assustado.

— Nunca ouvi nada igual. — estranhou Tomas com um arrepiro sinistro.

— Será que foi alguma pantera? — tentou Rollinsson gaguejando — Ouvi dizer que elas gritam que nem mulher.

— Isso não foi pantera, nem lobo. Não sei que bicho foi não. — desconversou Tomas olhando ao redor para as sombras longas que dançavam pelos troncos dos pinheiros.

Não conversaram mais. Avivaram o fogo e foram dormir. A lua cheia era uma bola gigante e branca no céu, fantasmagórica e sinistra! Sua luz banhava o vale com aquela luminescência fantástica. De madrugada foram acordados por um barulhão. Tomas levantou-se com a espingarda em punho. Rollinsson ergueu a sua tremendo! Fosse o que fosse estavam pelas beiradas do acampamento, correndo e resfolegando. Parecia uma briga de cães. Havia rosnados roucos, grunhidos altos e ganidos guturais, aterradores. Não conseguiam ver nada na escuridão, a fogueira havia morrido já.

Aquilo continuou por vários minutos até que uma das coisas se afastou para longe e a outra pareceu segui-la. Tomas olhou para Rollinsson, havia medo em seus olhos.

Não sabia o que era aquilo, mas não gostara nem um pouco. Era algo feroz e desconhecido. Já não tinha certeza de que queria ficar ali. Não conseguiram dormir. Pela madrugada aquele berro sobrenatural soou de novo, mais perto. Sobressaltaram-se, mas nada mais aconteceu até o nascer do sol. Quando amanheceu Tomas pegou a espingarda. Queria descobrir o que era aquilo. Andaram ao redor até o meio da manhã.

Encontraram pegadas de lobo, porém diferentes, dedos mais compridos e separados.

— Veja só! — Rollinsson chamou apontando várias pegadas que subiam pela margem do riacho em uma confusão amedrontadora — A coisa ficou de pé e andou sobre duas pernas daqui pra lá! Como é possível?

— Não sei! — negou Tomas realmente assustado — Não acho que é bom ficarmos por aqui depois do anoitecer. Devemos partir já!

Iam voltando quando Tomas viu uma trilha sangrenta que descia para os despenhadeiros cheios de arbustos do fundo do vale.

— Espere aqui. — pediu ele ao outro, que era mais impressionável.

Correu pela encosta, levou algum tempo até reencontrar a trilha e a seguiu até que encontrou o que procurava. A terra estava batida e úmida de sangue. No centro de uma pequena clareira ele viu! O engulho de horror subiu-lhe pela garganta quase o fazendo colocar o café para fora. Era horrível de se ver! Aquilo havia sido um homem, ou o que restara de um. O peito estava aberto e a cavidade estava vazia, tudo dentro havia sido consumido. Os olhos arregalados mostravam o terror abantesmo da morte! Retrocedeu tropeçando, quase deixou cair a espingarda.

— Encontrou alguma coisa? — Perguntou Rollinsson preocupado quando ele voltou.

— Fosse o que fosse era humano. — Tomas não disse mais nada.

— Acha que era algum índio perdido? O que era a outra coisa?

— Não tenho ideia, só sei que temos que ir embora o quanto antes. Não quero estar aqui quando aquilo voltar esta noite.

— Acha que ele pode voltar?

— Ele vai voltar! — vaticinou Tomas inabalável.

Quando retornaram ao acampamento descobriram que os cavalos e as mulas haviam se soltado e se espalhado pelo vale. Sem eles a travessia das montanhas seria precária e perigosa. Rollinsson queria que cada um fosse para um lado para procurarem melhor.

— Cobriremos mais terreno.

— Não! Não acredito que os cavalos se soltaram. — discordou Tomas veemente.

— Mas então o que houve?

— Talvez não queira que saíamos daqui. Quer nos separar para nos pegar sozinhos.

— Você acha que são índios?

Tomas não respondeu. Tinha muitas dúvidas sobre o que era aquilo, antes achava que não fosse humano, mas agora já não tinha certeza de nada. Foram juntos procurar os cavalos e as mulas. Demoraram até o crepúsculo para encontrar apenas parte dos animais. Os cavalos estavam cobertos de suor, tremiam com um medo pânico e foi com dificuldade que os trouxeram de volta. Não encontraram as mulas nem seus rastros.

— São índios! — aventou Rollinsson rangendo os dentes, apontando com certeza uma pegada parcial na lama da beira do riacho — Nenhum bicho teria inteligência para sumir com as mulas assim.

Tomas não disse nada, só queria sair dali o quanto antes. O acampamento estava todo revirado e destruído, suas coisas quebradas e rasgadas. Aquilo estivera ali.

Havia um cheiro forte de almíscar selvagem por todo lado, a coisa havia marcado seu território e estavam dentro dele!

— Vamos embora agora. — chamou Tomas.

— Mas é noite já! — argumentou Rollinsson amedrontado — Se aquilo nos pega de surpresa na subida da mata na escuridão é o nosso fim.

Ficar também seria, pensou Tomas desgostoso. Acabaram ficando a contragosto.

Acenderam três fogueiras ao redor do acampamento, porém nada aconteceu até de madrugada, toda a mata estava quieta. Amedrontada! Tomas acordou com o som de passos pesados e um grito abafado. Era Rollinsson!

Procurou-o, porém não o encontrou mais! A espingarda do outro, com o cano todo torcido, estava jogada de lado perto de uma das fogueiras. Havia algo andando ao redor, ele podia ouvir os grunhidos roucos do bicho. Algo grande, mau e feroz!

Tomas levantou a espingarda, não tinha mira, mas era o que podia fazer. Não podia esperar até de manhã, até lá já estaria morto com certeza! Correu para os cavalos assustados e montou em um, puxou o outro consigo. Apertou as esporas e a montaria pulou para frente com um desespero terrível. Subiram a trilha da montanha em disparada pelo meio da escuridão.

De repente Tomas percebeu uma sombra grande correndo ao lado deles, era a criatura e corria sobre duas pernas. Nunca vira nada igual aquilo. Era um homem e ao mesmo tempo era um animal. A cabeça era a de um cão ou lobo talvez, a boca pronunciada e aberta resfolegava com a língua grande e vermelha caída para o lado, os olhos amarelos o olhavam com um misto de ódio e outra coisa pior, talvez fome.

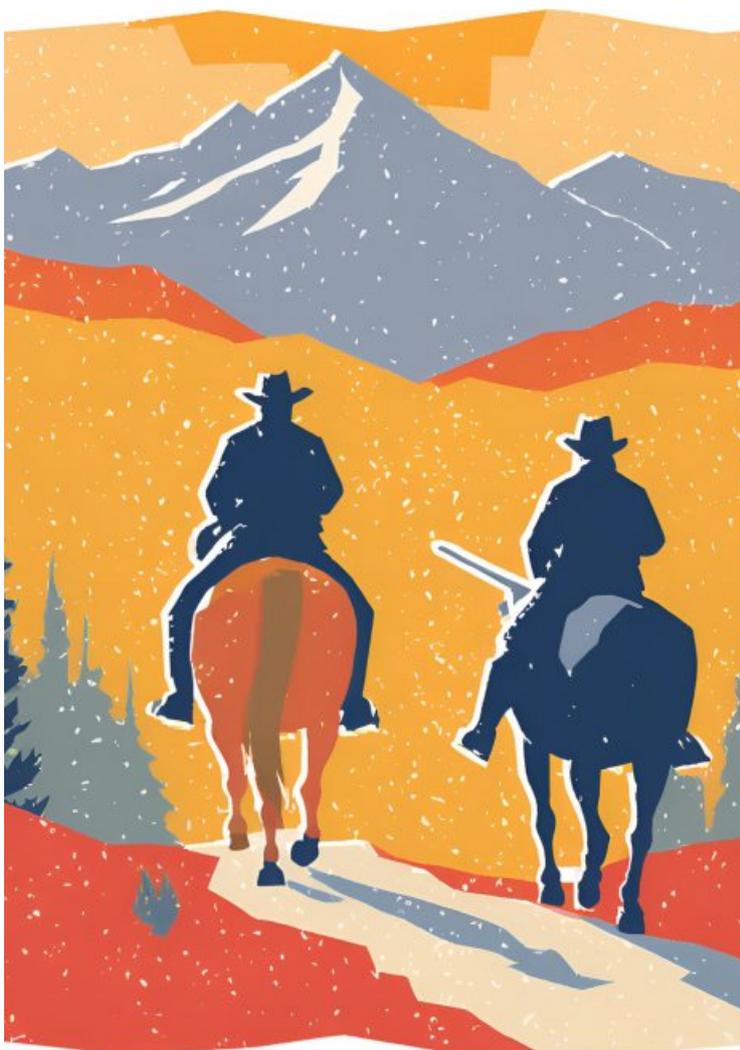
Pulou sobre o cavalo ao lado e o derrubou de uma só vez com uma mordida no pescoço.

Tomas ouviu o grito bestial soar atrás de si e esporeou seu cavalo que deu um pulo e escapou do bote da besta. Não parou de correr até descer do outro lado da montanha e sair para as campinas além. Quando estava além da borda do matagal alto parou o cavalo e olhou para trás.

Viu a coisa parada, ereta, olhando diretamente para ele com olhos desafiadores.

Não esperou mais. Esporeou novamente e sumiu por entre o capim.

Jamais iria se esquecer daquele lugar sinistro e aterrorizante. Jamais voltou como homem vivo! Soube, algum tempo depois, que os índios que um dia haviam habitado aquela região chamavam aquele lugar assombrado de “A Montanha do Cão”!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



POR SELMA LUANNY

A HISTÓRIA DE AMINA

SÉTIMA PARTE

Amina/Zeron voltara da última batalha, como médico do exército egípcio.

Foram tantas batalhas em quase dez anos de beligerância, que Amina já estava caminhando para os seus 40 anos de idade.

Apesar de todo o conhecimento que adquirira, tudo o que colocara em prática, além do que conseguiu passar para os seus alunos e colegas da Grande Biblioteca, começava a sentir que a maturidade também vinha com pesos e consequências, principalmente para uma mulher.

Amina, fisicamente, já não se sentia tão forte e a falsa virilidade que conseguira na adolescência e início da sua fase adulta, começava a se esvaír aos poucos.

E então, chegou-lhe outra chamada para servir como médico em mais uma guerra.

Se a guerra intencionalmente era para ser rápida e sem graves intercorrências, já não a interessava - como nunca a havia atraído. E as guerras afinal, nunca são previsíveis ou terminam "na hora marcada".

Amina tentou sensibilizar outros colegas para que um deles pudesse ir no seu lugar.

Mas, de partida, era uma tentativa inviável, por dois motivos: primeiro, que ela já era reconhecida como um médico militar muito competente e segundo, nenhum dos médicos igualmente competentes e experientes da Biblioteca, queria ir para uma guerra, voluntariamente - além da falta de conforto, a possibilidade de morrer longe de casa e da família era um pensamento sempre presente.

Amina, se não adoecesse seriamente para poder ser isenta pelos seus próprios colegas e comando militar, não poderia dizer não ao império que afinal era o que lhe provera pelos seus estudos e, agora, pelo trabalho.

E ela tinha sete dias para se preparar para seguir novamente no rumo de mais um confronto armado.

Chegou-se à véspera da sua apresentação ao acampamento dos militares, mas Amina/Zeron não compareceu. Então, o comandante dos militares, enviou uma mensagem oficial à direção da Grande Biblioteca com um ultimato para a ida urgente de Zeron ao referido acampamento, para tratar dos preparativos médicos e acompanhá-los à batalha, com saída para o dia seguinte. E o que resultou foi um grande alvoroço... Amina/Zeron não se encontrava na biblioteca nem nas suas dependências privadas. Na verdade, constatou-se que ninguém o via há cerca de quatro dias.

O exército egípcio teve que seguir com outro oficial médico.

E a Direção da Grande Biblioteca mandou pessoas à procura de Zeron.

Mas, como não fora encontrado após dois dias de procura, pensou-se também na possibilidade de estar morto.

O DESAPARECIMENTO DE ZERON

Passou-se a procurar então, por um cadáver.

Foram investigados lugares que Amina/Zeron possivelmente frequentava, como mercados, templos, áreas de banho e sanitários públicos e, após resultados desapontadores, áreas de lazer, lugares ermos e margens do rio e mar.

Completados dez dias de muita procura e tumultuosa reação do público, deu-se Amina/Zeron como desaparecido e/ou morto.

Como ninguém tinha certeza absoluta da sua origem ser de países ou reinos vizinhos - pelo contrário, pois Amina falava muito pouco desse assunto e quando o fazia, deixava no ar mínimos recortes do Oriente próximo -, ninguém se manifestou em relação ao envio de alguma missiva, mesmo que levasse meses através das caravanas - praticamente o único recurso popular viável de comércio e comunicação, de então.

Passou-se mais de meio ano do desaparecimento de Amina/Zeron.

E nada como o tempo para levar ao esquecimento de alguém que não fez parte da vida íntima de ninguém.

UM OUTRO FUTURO

Era uma manhã de sol quando uma caravana que vinha da costa nordeste do Mediterrâneo, chegava a Rekeme/Rekem/Raqmu*, capital dos Nabateus.

Essa caravana trazia uma mulher de meia idade como passageira pagante e quem pagava bem naquela situação, tinha as costas de um camelo para se sentar e, o melhor, sempre que possível, uma certa privacidade nas paragens.

E por se tratar de uma senhora de meia idade, aparência distinta e reservada, além da ausência de beleza especial e/ou atração femininas da juventude, os homens a tratavam com o devido respeito - o que era incomum para o sexo feminino, principalmente naquela época e em uma caravana, na maioria das vezes, em meio a um cenário desolador e isolado, na imensidão cobreada do deserto.

Ao descer do camelo, ela e as suas posses foram devidamente levadas até uma pousada simples, mas aparentemente com um mínimo de conforto para uma mulher cansada e calejada da longa viagem. Ela respondia pelo nome grego "Íde".

Em Rekeme, Íde deu-se tempo para descansar e recuperar a energia física e mental, e principalmente, colocar os pensamentos e planos em ordem. Ela iria esperar discretamente pela próxima caravana para adentrar mais no rumo que tomara - do Oriente. E aconteceu de estar programada para dentro de um terço de um ano, a passagem de outra caravana rumo ao Oriente mais distante, passando por Tadmor**. O que poderia ser o pouso final de Íde.

Alguns dias antes da chegada desta caravana, Íde tratou com o agente responsável pela sua logística, quanto à sua inclusão na lista de passageiros. Ficou decidido então que Íde faria parte do grupo de viajantes para Tadmor.

E a esperada caravana chegou. O seu comando estava com um indivíduo já conhecido: Cedrus. O mesmo Cedrus de 20 anos atrás, quando Amina, então respondendo por "Zal", partira em direção contrária.

No dia da saída, Íde parte rumo a Tadmor, nas costas de um camelo, na caravana comandada por Cedrus. E sim, Íde era o nome assumido por Amina quando da sua fuga abrupta do Egito. Era a única possível saída que Amina entrevira para fugir de mais uma guerra e quem sabe - se retornasse viva, desta - de quantas outras.

Infelizmente, o sonho de continuar a aprender e trabalhar na Grande Biblioteca de Alexandria teria que ficar para trás. Outra existência de semiescrava ou término prematuro da mesma, não estava nos seus planos. E ela, desde a última guerra de que participara, vinha planejando a sua saída do Egito caso fosse novamente convocada ao combate. Este dia chegou.

Ao rumar para Tadmor, Íde/Amina soube, antecipadamente, de Cedrus e o reconheceu imediatamente, apesar de envelhecido.

O reverso não ocorreu: Cedrus não reconheceu - pelo menos não deu a entender - o jovem Zal na figura de Amina, agora em trajes femininos e marcada pela idade. Amina não chegara ainda aos 40 anos de idade, mas Cedrus já beirava os 50. E com a vida extenuante que teve, demonstrava ter mais do que isso. Ele estava com a aparência envelhecida e a sua fisionomia demonstrava isso. Cabelo e barba grisalhos, o rosto e mãos com a pele mais queimada e vincada pela longa exposição solar, e calejado pela pesada vida de décadas cuidando de pesos e medidas transportados de um lado a outro da extensa Rota da Seda do Mediterrâneo ao Oriente extremo, pois quando o tempo e a sua agenda o permitiam, chegava aos entrepostos de reinos das dinastias Cholas e Pandias, entre outros***. Ali trocava mercadorias pelas trazidas dos reinos dos Qin e Han****.

*(cidade de Petra, na Jordânia)

** (cidade de Palmira, na Síria)

*** (atual Índia)

**** (atual China)

Nota de rodapé: sétima parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA - partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

**DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA**



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



PER ROBERTO SCHIMA

CERBERO

Era uma noite de fim de verão. Ao contrário de seu nome, o Oceano Pacífico encontrava-se encrespado. Uma inesperada corrente fria viera do Polo Norte de encontro ao ar quente e calmo da região, resultando em tempestade.

As ondas chocavam-se no costado do *Serpente Marinha* em explosões de espuma. O barco japonês era refém da fúria do mar e dos vendavais. Sacolejava de um lado a outro e escoiceava tal qual um potro selvagem. Apesar da pretensão de seu nome, não passava de uma velha, pequena e mal equipada embarcação de pesca. A considerar os sons lamuriosos que vinham do madeirame, a tripulação temia que, de um momento para ou outro, se partisse ao meio. E sequer eles apanharam tantos peixes a justificar tudo aquilo.

— Vejam! — apontou um dos pescadores.

Todos observaram através dos vidros molhados o brilho azulado a envolver o mastro.

— Estamos perdidos!

— Cale a boca! — esbravejou o capitão Shimatsu. — É só fogo de santelmo, *baka!*

No entanto, na escuridão sem luar e em meio à infundável tormenta, o fenômeno elétrico foi para os corações mais supersticiosos um presságio de mau agouro.

E ele pareceu se confirmar quando outro homem avistou a bombordo:

— Ali!

Uma gigantesca bola de fogo surgiu das nuvens e, após traçar uma esteira luminosa no céu, desapareceu sob as águas. Pouco depois, o estrondo e a onda de choque irromperam através da cabine, arrebentando os vidros, ferindo tímpanos, fazendo aumentar o temor e o caos. Surpreendentemente, porém, essa mesma onda de choque contribuiu para afastar as nuvens e amenizar a tempestade. A Lua surgiu. Algumas estrelas cintilaram. Apenas uma chuva fina insistiu em continuar a verter de um céu de poucos amigos.

Elevações de água da altura de alguns andares não tardaram a chegar, mas, após o que passara, o *Serpente Marinha* enfrentou-as cheio de valentia e determinação.

Quando o mar, por fim, acalmou-se os pescadores divisaram uma luminosidade alaranjada destacando-se no horizonte.

— Vamos até lá conferir, capitão?

O homem rude consultou seus mapas e instrumentos. Sua vontade seria outra, não fosse um fato.

— Nossa direção é para lá. Vamos para casa.

Todos gritaram "Viva!", exceto o capitão Shimatsu e aquele que vira o fogo de santelmo. Para certas pessoas, as lendas do mar eram coisas a serem levadas a sério. E como reagem a isso dependia do caráter de cada um.

O barco chegou de mansinho.

Sob a embarcação as águas antes escuras cederam lugar à misteriosa claridade. Era um brilho que não feria os olhos. Todavia, era enorme, muito, muito grande.

Exceto pelo motor do *Serpente Marinha* e as interjeições espantadas, o oceano se tornara muito silencioso naquela área, o que não era comum.

— O que será isso?

— *Amaterasu!* — murmurou Suketoki, um velho simplório.

— Durante a noite? — indagou o capitão. — Você tomou saquê demais.

O capitão Shimatsu, embora vivesse a implicar, gostava do velho Suketoki.

— Disco voador, então!

— Isso explica tanto quanto qualquer *kami*, *yurei* ou *yokai*.

Suketoki, calejado de muitas expedições no mar, apontou um dedo curtido e calejado para o outro.

— Não deboche dos *kamis*, Shimatsu. Sabe tão bem quanto eu do que eles são capazes, seja para o bem, seja para o mal.

O velho pescador era o único que tinha a liberdade de se dirigir ao capitão sem mencionar seu posto. Liberdade que ele próprio impôs e não por autorização concedida.

— Verdade, velho. Mas, seja o que for essa coisa aí embaixo d'água, não ficaremos aqui para descobrir.

O barco pesqueiro acelerou e, quando estava a alguns quilômetros do clarão alaranjado, ocorreu uma espécie de explosão no local. O mar começou a borbulhar como se estivesse fervendo. Todos reconheceram o acertado da decisão do capitão. Alguém especulou se não seria o nascimento de um vulcão, entretanto, devido às ocorrências anteriores, descartaram essa possibilidade. Então, incrédulos, os tripulantes viram surgir uma criatura colossal semelhante a um dinossauro, contudo, dotado de três cabeças, longos pescoços e todo recoberto por placas espinhosas que funcionavam como uma couraça.

O capitão Shimatsu virou-se para o velho pescador.

— Ainda acha que é a deusa do Sol, *senpai*?

Suketoki ignorou a pergunta. Pensativo, falou:

— A bola de fogo era uma espécie de ovo. Devido ao calor da fricção na atmosfera, ele chocou. Aquilo ali é o filhote.

— "Filhote"? — disse outro tripulante. — Que tamanho terá quando for adulto?

— É só um palpíte, Kenji — retrucou o idoso. — Lembrança de quando eu assistia *Urutorasebun* na TV.

O capitão Shimatsu não quis dar o braço a torcer. Alegou também ter assistido aos seriados da franquia em versões posteriores

— Suspeito não haver nenhum *Esquadrão Ultra* para nos ajudar, velho.

— Não sei se devia confessar, Shimatsu, mas eu torcia para os monstros...

— Pode ser, mas recomendo não fazer isso agora. Vamos, vamos para casa, depressa! Mexam-se! Avisarei as autoridades pelo rádio. Hum... Que nome daremos para essa coisa?

— Tem três cabeças... Cérbero! — disse o velho pescador. — Cérbero.

O capitão Shimatsu espantou-se ante o conhecimento do outro sobre mitologia grega.

— Você vive me surpreendendo, *senpai*.

— Eu não — Apontou para o monstro. — Surpresa é aquilo!

— Disso eu não duvido. Aonde está se dirigindo? Qual será o seu objetivo?

— Se o monstro continuar a seguir o nosso curso, dará na costa japonesa em cerca de uma hora.

Enquanto o barco disparava para o porto e cada tripulante procurava conter o medo, o capitão franziu a testa e murmurou, irônico:

— Japão... Besta gigante... Tudo a ver.

Acelerou o *Serpente Marinha* o mais que pôde, agradecendo à Buda, aos céus ou a *Amaterasu* pela boa graça de não terem sido detectados pela descomunal criatura.

Foi quando ouviram um barulho. Era um troar possante e ensurdecedor.

O monstro urrava. Era como se todas as vozes do mundo gritassem em desespero.

Mais tarde, o capitão Shimatsu diria aos repórteres ansiosos que aguardavam no porto:

— Se seu pior pesadelo tivesse um som, sem dúvida seria aquele.

Monstros gigantes eram tão associados à cultura japonesa quanto os castelos mal-assombrados aos ingleses. Poder-se-ia supor tratar-se da influência dos filmes e dos seriados nipônicos a exemplo do clássico *Gojira*. Entrementes, outra linha de pensamento creditava essa tradição a representações metafóricas das calamidades naturais que, desde sempre, assolaram o arquipélago nipônico. Destruíam cidades e ceifavam a vida de centenas ou milhares de pessoas: tufões, maremotos, tsunamis, terremotos e vulcões. Eram apavorantes, enormes, devastadores, invencíveis, verdadeiramente monstruosos.

Agora, um autêntico *kaiju* rumava para a Terra do Sol Nascente e, a cada quilômetro vencido, seu tamanho ia aumentando a medida em que se nutria dos elementos ao seu redor.

Quando o *Serpente Marinha* atracou, a aurora começava a despontar no horizonte.

O temporal e a chuva fina haviam terminado. Só a umidade pairava.

Aviões militares sobrevoaram o porto em direção à fera.

A gigantesca silhueta destacou-se no horizonte.

In continenti, as aeronaves dispararam seus mísseis contra o colosso tricéfalo. Apesar das placas cobertas por espinhos, as três cabeças urraram de dor após os impactos. Os pescoços serpentiformes se agitaram, enlouquecidas. Chispas elétricas saltaram dos ferimentos feito raios. Os sons emitidos pela criatura foram tão possantes que fizeram as fuselagens dos aviões estremecerem. Até na costa, algumas vidraças se romperam. Todavia, ao lado do terror da população local, um sentimento ambíguo tomou conta do coração das pessoas, quase compaixão, perante a agonia lancinante daqueles urros. Ademais, o que fizera o monstro até o momento para merecer tamanha recepção?

Livre dos jornalistas, o capitão Shimatsu voltou ao seu barco. Foi seguido por Suketoki.

— Que está fazendo, velho? Vá para sua casa como os outros.

As rugas de Suketoki se realçaram. Pestanejou.

— Sabe tanto quanto eu que não tenho família. O *Serpente Marinha* é tanto a minha casa quanto a sua.

— *Senpai baka!*

— Sabe bem onde enfiar o *senpai*: junto com o *baka*. *Baka!*

O capitão não quis perder tempo discutindo e, no fundo, sabia que um era para o outro a única família que possuía, sendo a recíproca igualmente verdadeira. Era bom ter o idoso consigo. Jamais iria admitir para ele, mas sua presença dava-lhe segurança. Agora, precisava ficar atento ao desenrolar do confronto. Caso a coisa ficasse muito feia e muito próxima, sua prioridade seria salvar a embarcação... E ficar de olho em Suketoki.

Quanto a Cérbero, as cabeças emitiam relâmpagos azulados. Alguns deles, atingiram seus agressores, fazendo dois aviões caírem no oceano. As primeiras mortes. Trovões foram ouvidos. Para melhor se proteger, o gigante mergulhou num redemoinho de espuma. Os contornos do seu corpo eram tão hidrodinâmicos quanto aos de um plesiossauro. Argolas de luz percorriam os pescoços. Na escuridão sob as águas, submarinos aguardavam-no, mas, por serem mais lerdos, breve viram seus cascos serem atingidos pelas poderosas descargas elétricas, instrumentos inutilizados. Afundaram como pedras para infortúnio dos marinheiros.

Enquanto isso, Cérbero continuou a aumentar de tamanho, embora não fosse aparente a forma pela qual se alimentava, e a que se devia seu rápido crescimento. Encontrava-se a apenas alguns quilômetros da costa nipônica.

O capitão Shimatsu e Suketoki aprontaram o barco pesqueiro para fugir.

— Vamos, velho, vamos!

— Sim. O *kaiju* irá emergir aqui.

— E sem *Urutorasebun* para nos salvar.

Preocupado, o velho pescador não retrucou.

Em terra, centenas de pessoas fugiam apavoradas.

Quando a situação aparentava não poder piorar, alguma coisa aconteceu.

As águas nas proximidades do porto começaram a fervilhar.

— O que será isso? O monstro de três cabeças?

— Não é ele. Está mais além, veja!

— Então, do que se trata?

— Eu sei lá! Fuja!

Enquanto a ebulição do oceano prosseguia, Cérbero, de volta à superfície, berrou. Desta feita, não foi devido a dor dos ferimentos, mas fúria contra aquilo que vinha do fundo do mar. Tornou-se mais inquieto, cabeças balançando de um lado para o outro. Chispas saltaram entre elas. Os urros prosseguiram sob o Sol da manhã e por entre a brisa que soprava.

Foi quando os destroieres aparecerem, juntamente com outros aviões a jato, além de tanques de guerra, baterias de mísseis terra-ar e canhões de longo alcance. O alto-comando enviara tudo o que podia. Então, a uma ordem, um ataque maciço foi realizado. Sob o mar, os submarinos remanescentes juntaram-se à alcateia e dispararam seus torpedos.

Fulgurações.

Explosões.

Fumaça.

O colosso de três cabeças derrubou mais um avião, afundou dois navios e um de seus relâmpagos atingiu um grupo de soldados no cais numa explosão de carne e estilhaços. Porém, devido aos numerosos ataques, a couraça espinhuda não conseguiu resistir. Algumas estilhaçaram, revelando a carne vulnerável em tons rosados. Uma das cabeças também recebeu o impacto de diversos projéteis e tombou para trás juntamente com o longo pescoço.

Aproveitando-se do momento, os militares intensificaram os disparos.

Mísseis.

Canhões.

Morteiros.

Metralhadoras.

Estouros intermináveis.

Rugidos de agonia e súplica.

De repente, na mesma medida em que em que uma espécie de ilha aparecia em meio à efervescência do oceano, Cérbero principiou a faiscar pelo corpo todo como se entrasse em curto-circuito. As duas cabeças remanescentes chegaram a expelir relâmpagos e um deles atingiu aquilo que emergia das águas, fazendo-o estremecer e fumegar. Então, o *kaiju* tricéfalo implodiu numa esfera de luz azulada e afundou no mar. Atrás de si, deixou inúmeros círculos de ondas espumosas.

— Vivaaa! — gritaram os soldados. — Vivaaa!

A bordo do *Serpente Marinha*, o capitão Shimatsu e o velho Suketoki não comemoraram. Olhos fixos na "ilha" a crescer e crescer. Um pressentimento apoderou-se dos dois homens.

— Vamos, *senpai*, vamos sumir daqui.

— Não precisa repetir.

— Sabe o que estou pensando?

— Não. Mas acho que os militares fizeram merda.

— Pois é exatamente isso o que pensei. Vamos, velho, vamos embora.

Assim, a silhueta do barco diminuiu à medida em que retornava para o alto-mar.

De súbito, o homem mais novo torceu o nariz:

— Ei! Soltou um "pum" na minha cabine?

— Ora, acabo de pensar a mesma coisa.

Não, nenhum dos dois fizera isso.

O fedor fora trazido pelo vento e vinha daquela coisa a crescer mais e mais.

Era como se um imenso monte de fezes tivesse surgido diante do porto. Primeiro, como uma montanha; depois, uma ilha. O fedor era tamanho que fez vários soldados vomitarem. Todos cobriram suas narinas o melhor que puderam, porém, o mau cheiro invadia seus sensores olfativos através dos poros. O fedor era indescritível. Não se assemelhava somente a excrementos; tinha algo de carne em decomposição, alimentos

estragados, óleos minerais, mofo, pelo de cachorro molhado, madeira apodrecida, suor azedo, vômito e coisas não identificáveis.

Quando aquilo atingiu uma altura de quase cem metros, a verdade revelou-se:
— Está vivo!

Sim, a coisa fétida e gosmenta possuía vida própria. A imprensa batizou-o de Monstro de Lama, mas não descrevia em absoluto todo o asco transmitido pela criatura. Se alguém mirasse o interior sombrio de uma fossa sanitária e pudesse divisar larvas e vermes se movendo na superfície inominável teria uma pálida noção do horror constituído pelo monstro. Movia-se através de pseudópodes feito uma ameba que passara a vida inteira em um esgoto, a alimentar-se de seu conteúdo. O pior de tudo:

— É radioativo!

— Não!

— Verdade... Olha aqui!

Os contadores Geiger dos militares confirmaram.

Todos ficaram tão ou mais chocados quanto o aspecto repulsivo da coisa.

Desde os genocídios causados pelas bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial — outros monstros gigantes, desta feita artificiais —, o Japão carregava um trauma de tudo ligado à radiação.

A massa viscosa avançou devagar sobre o porto.

As tropas fugiram aterrorizadas, diante da inutilidade de seus disparos. Os mísseis dos aviões nada mais fizeram do que esparramar porções da massa nojenta a qual, descobriu-se, continuava viva e avançando, tornando-se uma criatura independente.

— Por Buda, o que é isso? — gritaram. — Como podemos destruir?

Então, oriunda de algues, uma voz falou às mentes de cada ser humano por toda a Terra e em seus respectivos idiomas ou dialetos:

Isso? Isso é criação de vocês, da humanidade. Essa criatura se originou de toda a sujeira despejada por sua civilização nos oceanos, de suas explosões nucleares, de seu lixo industrial e doméstico, da matéria morta de seus conflitos militares, dos animais vitimados pela poluição, de suas ambições tão desmedidas quanto a própria estupidez e falta de visão que os caracteriza. Tenho observado sua espécie durante séculos e, em pelo menos quatro ocasiões, evitei que se aniquilassem. Essa seria a quinta vez, contra a besta de imundície que vocês criaram. Ela está sedenta por consumir suas casas, seus edifícios, suas fábricas, suas cidades, suas plantações, seus corpos. A fome é tudo o que a move: insaciável, desesperadora. As únicas armas que vocês possuem e que poderiam destruí-la acarretariam a sua própria extinção. O anjo interestelar que lhes enviei poderia tê-los salvo, pois a missão dele era justamente enfrentar a monstruosidade de dejetos. Mas vocês mataram seu próprio guardião.

— Não sabíamos! — gemeram alguns.

— Perdoe-nos — imploraram poucos.

— Mande mais — disseram outros.

— Ajude-nos! — exigiram muitos.

A conscientização que vocês deveriam ter jamais ocorreu. As agressões contra Gaia voltaram-se contra os agressores. Todo o planeta rebelou-se. Vocês não mudaram. Nunca mudarão, exceto para pior.

Agora percebo isso. O tempo do auxílio cessou, assim como a minha paciência. Só deixarei um conselho: interrompam imediatamente tudo o que ocasiona a destruição ambiental, pois é disso que se alimenta a criatura. Ela vive da nojeira que a humanidade produz. Ela vive da sujeira que vocês representam. Ela é o retrato de sua imundície. Se não o fizerem, ver-se-ão afogados no próprio excremento e na podridão de suas carnes. Como vocês costumam dizer: danem-se!

A voz silenciou e, apesar dos clamores, não retornou.

No *Serpente Marinha*, o velho Suketoki olhou fixamente para o capitão Shimatsu. Disse:

— O tiro saiu pela culatra. Matamos o nosso *Urutorasebun*! Não por acaso, eu torcia para os monstros...

— É como se nós, os seres humanos, tivéssemos pisado na própria merda, com os dois pés e voluntariamente!

— Literalmente, Shimatsu, literalmente. E, quer saber? Enfiamos a cara na bosta também... E de boca aberta!

— O que será de nós, *senpai*?

— Nessa história, o verdadeiro monstro somos nós. Não sei quanto a você, mas vou aproveitar o tempo que nos resta e encher a cara de saquê.

O Monstro de Lama avançou não somente sobre o Japão, mas em diferentes partes do mundo. Surgiu pelo mar. Emergiu de fissuras naturais, bueiros, vasos sanitários e ralos. Engoliu tudo em seu caminho, aumentando de tamanho até fundir-se com outros de sua espécie.

A espécie humana confrontou-se com a imundície não somente de sua alma, mas de suas entranhas.

O fedor rodeou a Terra, ignorando a fragrância das estações.

No final de tudo, Gaia agradeceu.

Amaterasu também.

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista

digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de trezentas e cinquenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://robertoschima.wordpress.com/contos-em-videos/>



Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



MAYA

COLECIONE

ANGELOU



Maya Angelou foi uma influente autora, poetisa e ativista dos direitos civis americana. Nascida em 1928, ela enfrentou muitos desafios na infância, mas os superou por meio de seu amor pela escrita. O trabalho mais famoso de Angelou é sua autobiografia, "I Know Why the Caged Bird Sings", que relata suas experiências crescendo em uma América racialmente segregada. Através de suas palavras poderosas, ela abordou temas de racismo, identidade e resiliência.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

JULES VERNE

COLECCION



Júlio Verne foi um escritor francês que viveu de 1828 a 1905. Ele é frequentemente chamado de “Pai da Ficção Científica”. Verne escreveu romances de aventura cativantes, incluindo “Vinte Mil Léguas Submarinas” e “A Volta ao Mundo em Oitenta Dias”. Seus livros levaram os leitores a viagens extraordinárias a lugares inexplorados e tecnologias futuras. A imaginação vívida de Verne e a atenção aos detalhes científicos tornaram suas histórias emocionantes e educativas.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+790 MIL +222 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.04.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd